



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TAISE DOS SANTOS FERREIRA

SEXUALIZAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO GRUPO 2

Salvador
2016

TAISE DOS SANTOS FERREIRA

**SEXUALIZAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO GRUPO 2**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Bahia (FACED) como requisito de avaliação para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Cláudia Pedral

Salvador

2016

TAISE DOS SANTOS FERREIRA

**SEXUALIZAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO GRUPO 2**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal da Bahia, sendo requisito de avaliação para obtenção do título de especialista, pólo de Serrinha-Ba.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Cláudia Pedral
Terapeuta Ocupacional
Psicomotricista e psicoterapeuta
Especialista em Educação Especial

Prof. (a) Ingrid Campos de Oliveira Miranda
Psicopedagoga e Psicomotricista e mestrado em Educação pela Universidade
Interamericana-PY

*Não se pode negar ou simplesmente ignorar a
sexualidade.*

(Katia Valladares)

Dedico este trabalho a minha vó: Maria Nascimento Ferreira, pela minha educação, dedicação e pelo incentivo aos meus estudos, e por ser a inspiração da minha vida que me impulsiona a seguir sempre em frente. Vó eu te amo muito, tu és a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus o dono de todas as coisas e principalmente da minha vida, pelo o resultado deste trabalho, sem ele não teria encontrado forças para continuar nessa tarefa tão árdua e ao mesmo tempo muito prazerosa.

A minha professora querida, Claudia Pedral pela orientação, paciência compreensão, disposição, sem você, não teria iniciado e nem tão pouco terminado esta monografia. Valeu pró! Você mora em meu coração.

As minhas inesquecíveis colegas Suzete, Flávia, Mara, Raquel, Aline, Vania e Manuela aprendi muito com vocês, sentirei muitas saudades.

A todos (as) os professores (as) professoras que contribuíram muito durante o curso para o meu processo de formação docente e em especial a, professora Regina por ter incentivado e dado forças.

A Professora Vanilza Silva pelo incentivo e apoio literário na escrita desse trabalho.

A minha família, minha fortaleza, pelo ensinamento, incentivo aos meus estudos desde a minha infância até a conclusão de mais uma etapa de muitas que virão em minha vida.

Ao meu esposo Junior pela compreensão, apoio e ajuda nas leituras das minhas produções. Amor você é a razão da minha vida te amo!

RESUMO

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender que a sexualização é um tema a ser discutido por conta da precocidade sexual das crianças nos dias atuais, preconizando que o trabalho desenvolvido em torno da sexualidade sem repressões deverá contribuir para formação do professor que entenda o desenvolvimento do que significa sexualidade infantil e detectar quando ocorre a sexualização dos corpos infantis. Tem como objetivo saber quais intervenções deve ser trabalhada na prática pedagógica, quando detectado quadro de sexualização, refletindo as intervenções para serem usadas na prática pedagógica nesse momento. Discutir a prática pedagógica diante da sexualização das crianças. Discutir a formação continuada para o ensino da sexualidade na educação infantil. E tem como metodologia: abordagem etnográfica, pesquisa qualitativa em educação. E com uso de instrumentos como: questionário destinado às educadoras da educação infantil e a observação. Esta pesquisa tem como finalidade refletir de que forma as professoras intervêm em sua prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização em sala de aula. Esta temática proporcionará reflexões e subsídios para que as docentes apresentem mais compreensão de conceitos sobre sexo e sexualização em sua dimensão para o trabalho na sua prática.

Palavras-chave: Educação Infantil, Sexualização, Formação de professores.

ABSTRACT

This research is justified by the need to realize that sexualization is a topic to be discussed because of the sexual precocity of children today, recommending that the work around sexuality without repressions should contribute to teacher training that understands development what it means to infantile sexuality and detect when is the sexualization of children's bodies. It aims to know which interventions should be crafted in pedagogical practice, when detected sexualization framework, reflecting the interventions to be used in pedagogical practice at that time. Discuss pedagogical practice before the sexualization of children. Discuss continuing education for sexuality education in early childhood education. And has the methodology: an ethnographic approach, qualitative research in education. And with the use of instruments such as: questionnaire for teachers of early childhood education and observation. This research aims to reflect how the teachers involved in their practice when detected sexualization board in the classroom. This theme will provide reflections and subsidies so that teachers have more understanding of concepts of gender and sexualization in their size to work in practice.

Keywords: Early Childhood Education, Sexualization, Teacher training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
2. HISTÓRIA DA INFÂNCIA SEXUALIDADE E SEXUALIZAÇÃO.....	11
3. REFLEXÕES HISTÓRICAS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL	19
4. CONCEITOS DOS TERMOS: sexo, sexualidade e sexualização.....	25
4.1 CONCEITOS DE SEXO E SEXUALIDADE.....	25
4.2 SEXUALIZAÇÃO INFANTIL	31
5. SEXUALIDADE E A TRANSVERSALIDADE NA EDUCAÇÃO.....	34
5.1 INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA.....	37
6. METODOLOGIA.....	40
7. ANÁLISE DOS DADOS.....	45
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – Ofício de autorização para realização de pesquisa de campo	63
APÊNDICE B – Termos de consentimento livre e esclarecido	64
APÊNDICE C – Questionário aplicado as professoras	75

INTRODUÇÃO

O tema sexualidade na Educação Infantil é uma temática pouco discutida na prática pedagógica do cotidiano escolar e principalmente em lócus creche, por ser a sexualidade um fenômeno abrangente, carregado de representações sociais e histórico: valores, crenças e concepções.

Desde o primeiro ano (2013) enquanto professora de creche do município de Serrinha-Ba, que observo quanto o despertar sexual está presente nas crianças de 1 a 3 anos de idade. Atualmente, percebo que na minha sala de aula vem ocorrendo à curiosidade das crianças no tocante a sexualidade. Observei que na hora do banho e na troca de fraldas e de roupas, algumas crianças tocam na região genital e esses toques chamavam atenção dos colegas e da professora. Bem como comportamentos e situações apresentadas pelas crianças traziam a minha curiosidade sobre manifestações que entendia como sexualidade, despertando meu interesse em entender essas manifestações e como intervir. Comportamentos esses que via sendo estimulado pela mídia, seja televisiva, como a música vivida por essas crianças. Diante do exposto percebo que, enquanto professora de Educação Infantil, não estou preparada para trabalhar com questões sobre a sexualidade e a sexualização na educação infantil, uma vez que a minha formação acadêmica não foi suficiente para abordar essa temática com crianças de creche. Nesse sentido intervenções devem ser estimuladas e aprendidas na prática pedagógica, uma vez detectado o quadro de sexualização infantil.

Assim, minhas inquietações, que mais tarde virariam interesse de pesquisa, foram sendo acumuladas durante minha prática pedagógica em sala de aula, no convívio com crianças de 2 anos. Para tanto, devido a observação do meu cotidiano na sala de aula sobre a manifestação da sexualização, surgiram muitas inquietações que instigaram a entender como trabalhar a sexualização infantil com crianças tão pequenas. A partir daí o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na Universidade Federal da Bahia com a orientação da Professora Claudia Pedral proporcionou momentos de discussão e compreensão sobre a temática.

Desse contexto, surge o problema: Quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização no grupo 2?

Essa pesquisa tem como objetivo geral: Compreender de que forma a sexualização infantil deve ser trabalhada na prática pedagógica do grupo 2. A partir desse surgiram os seguintes objetivos específicos: Refletir as intervenções para serem trabalhadas na prática pedagógica a sexualização infantil. Discutir a prática pedagógica diante da sexualização das crianças do grupo 2. Discutir a formação continuada para o ensino da sexualidade na educação infantil.

Esta monografia está organizada em capítulos, sendo que o primeiro capítulo é destinado a falar como surgiu a pesquisa. No segundo capítulo História da infância sexualidade e sexualização, no terceiro capítulo apresento uma discussão sobre reflexões históricas sobre a sexualidade infantil. O quarto capítulo, Conceitos dos termos: sexo, sexualidade e sexualização. O quinto: sexualidade e a transversalidade na educação, com foco na sexualidade e a Lei. No sexto capítulo, a metodologia traz a importância da abordagem da pesquisa etnográfica qualitativa em educação para se chegar ao conhecimento da realidade pesquisada, o método imprescindível para essa pesquisa foi a observação e o questionário por meio de diálogos com os contextos dos sujeitos.

Já a análise dos dados e informação vem no sétimo capítulo onde apresentaremos a leitura das falas das Professoras para a análise de dados com a finalidade de apresentar a possível resposta ao problema investigado. Com a realização desta pesquisa espero que seja de grande contribuição social e que traga impacto na vida das Professoras da Educação Infantil a fim de levá-las a refletir sobre a importância dessa temática na prática pedagógica.

2 HISTÓRIA DA INFÂNCIA – SEXUALIDADE E SEXUALIZAÇÃO

A disciplina do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da UFBA-FACED: Infâncias e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil: diretrizes nacionais e contextos municipais, ministrados pela professora Marlene Oliveira, foram de fundamental importância para a compreensão sobre a descoberta e a concepção da infância. Durante os estudos aprendi que o conceito de infância e criança é concebido em meios há contradições, que perpassou por longos séculos.

As turmas que lecionei eram de faixas etárias variadas, crianças de um ano, dois e três anos. Atualmente estou com o grupo de crianças de dois anos. O que mais me chamou atenção nas turmas foi o despertar e a curiosidade no tocante a sexualidade que se apresentava fortemente nesses grupos de crianças tão pequeninas. O momento do banho e a troca das fraldas são momentos de busca das descobertas, pois algumas crianças se tocam e tocam na região genital observando-a e esse toque chama atenção da professora e dos colegas.

Historicamente Áries (1981) apresenta em seus estudos a infância como sendo invisível; era a fase da vida vista como a fase da incompletude, incompetência e falta de habilidade. As crianças eram caracterizadas em adultos em miniaturas, uma vez que as imagens retratadas em pinturas, na época, mostram, crianças com o corpo em performance de um homem musculoso e as vestes de adulto. O autor Philippe Áries (1981) afirma no seu texto que as primeiras imagens pintadas de criança, surgiram no século XIII com o sentimento moderno. Surge o primeiro como anjo e aparência de um rapaz muito jovem. Essas crianças foram preparadas para ajudar na missa.

A segunda imagem são pinturas e seria o exemplo da ancestralidade de todas as crianças na história da arte: o menino Jesus, a nossa Senhora menina, uma vez que o sentimento da época estava ligado à maternidade, da virgem e ao culto a Maria. Ao fazer a análise a iconografia Áries (1981) descreve as pinturas durante os séculos, dando ênfase aos desenhos de Maria e do menino Jesus, os documentos escritos por esse autor traz referência o dia a dia da infância. Segundo Áries (1981):

Salientemos aqui apenas o fato de que a criança se tornou uma das personagens mais frequentes dessas pinturas anedóticas: a criança com sua família, a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas ressaltada no colo de sua mãe ou segurada pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou as circuncisões, a criança aprendiz de um ourives, de um pintor etc., ou a criança na escola, um tema frequente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIX. (ÁRIES, 1981, p.53)

E o terceiro tipo de criança aparece na imagem como outros personagens tais como: São João, São Tiago, Maria-Zebedeus e Maria Salomé. Nos séculos XV e XVI a infância recebe um novo olhar, as crianças são vistas como ser engraçado e é paparicado no meio dos adultos e nos diversos locais da sociedade. Cada família possuía pinturas dos seus filhos na fase infantil. A evolução do tema da primeira infância vai crescendo aos poucos e nesse sentido Charlot (2013) afirma que: “o sentimento de infância nasce no século XVII, que começa a se interessar pela própria criança”.(CHARLOT, 2013, p.158) As pinturas de crianças sozinhas se tornam numerosos e comuns e desse modo, os adultos cuidam mais e se interessam em registrar momentos imprescindíveis da fase infantil.

A autora Oliveira (2011), ressalta que a Europa nos séculos XV,XVI foi a pioneira na educação infantil. Novos modelos educacionais foram criados a fim de responder os desafios estabelecidos diante de uma sociedade que buscava o seu desenvolvimento. A expansão comercial, o desenvolvimento científico e as atividades artísticas que surgiram durante o período Renascentista estimulou o surgimento de novas concepções de infância e como elas devem ser educadas. Na visão dos autores tais como: Erasmo (1465-1530) e Montaigne (1483-1553) a educação das crianças deve respeitar a natureza infantil e estimular as atividades e associar o jogo à aprendizagem. A educação das crianças estava voltada para atividades de valores religiosos, bons hábitos, regras morais e não tinha uma proposta instrucional formal. Os europeus acreditavam que como a criança nascia debaixo do pecado, cabia a família e na sua falta a sociedade corrigi-la desde pequena. O planejamento era rigoroso voltado para autodisciplina.A partir dos seis anos de idade que a leitura e escrita era ensinadas dentro do ensino religioso.

Os discursos sobre a escolaridade obrigatória intensificados nos países europeus nos séculos XVIII e XIX, enfatizando a relevância da escola para o desenvolvimento social. “Nesse momento, a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos: começou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados [...]” (OLIVEIRA, 2011 p.62). Mas, as crianças pobres não tinham acesso à escola, no pensamento da elite política europeia, as crianças mais pobres deveriam ter uma proposta de aprendizagem voltada para a ocupação e piedade. Em oposição a essa visão, alguns reformadores protestantes estavam em defesa de uma educação como um direito universal, de todos e não somente das classes ricas.

O autor Sarmiento afirma que o século XVII e XVIII foi o século das profundas transformações na sociedade, pois a criança é um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas uma fase própria do seu desenvolvimento humano. Assim as crianças ganham um modo de vida própria e as relações são padronizadas entre crianças e adultos.

Com as mudanças concebidas ao longo dos anos, elas são estudadas como atores sociais como afirma Sarmiento no seu texto “Sociologia da Infância: correntes e confluências”. De acordo a Sarmiento (2008):

Se torna tanto mais necessária quanto à promoção da infância a objeto sociológico e o entendimento das crianças como atores sociais é um trabalho reconfigurador do conhecimento com que as crianças têm sido tematizadas. (SARMENTO, 2008, p.20)

Desse modo, na visão de crianças como atores sociais, elas se constituem sujeitos da sua própria história, um grupo de sujeitos ativos que interpretam e agem no mundo e que precisam ser ouvidos, como sujeitos de direitos precisam ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas.

Segundo Oliveira (2011), a Europa no século XX começou a intensificar estudos científicos sobre a criança. Programa que cuidava da saúde da criança foi criado, elas recebiam o atendimento precoce em lares e creches com a finalidade de diminuir a mortalidade infantil e era orientado por especialistas da área de saúde. As atividades sistematizadas e confeccionadas para a educação das crianças foi realizada por dois médicos Ovídio Decroly que trabalhava com crianças excepcionais e Maria Montessori com crianças com deficiência mental. No âmbito da

Psicologia autores como Vygotsky e Wallon desenvolveram estudos para compreender e promover o desenvolvimento das crianças na educação infantil. Evidenciaram a necessidade da estimulação do desenvolvimento na criança desde o nascimento. De acordo Oliveira (2011):

Vygotsky, nas décadas de 20 e 30, atestava que a criança é introduzida na cultura por parceiros mais experientes. Ainda na primeira metade do século XX, Wallon destacava o valor da afetividade na diferenciação que cada criança aprende a fazer entre si mesma e os outros. (OLIVEIRA, 2011, p.76)

No campo da pedagogia ainda no século XX, novos protagonistas surgem e dentre eles Celestin Freinet se destacou ao renovar suas práticas pedagógicas, no seu entendimento a escola deveria ir além dos limites da sala de aula para o ensino com as crianças. As atividades que Freinet propõe são: aula passeio, desenho livre, texto livre, oficinas e dentre outras que tem como finalidade o desenvolvimento da criança.

No contexto internacional, na década de 50 pós-Segunda Guerra Mundial surgiu uma nova preocupação com a criança no que tange a ideia de sujeitos de direitos. Tais direitos aparecem na Declaração Universal dos Direitos da Criança em 1959 promulgada pela ONU (Organização das Nações Unidas), a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. Estudos científicos sobre o desenvolvimento da criança tornaram-se mais presentes. A criança ganha uma visibilidade, sua educação é cada vez mais pensadas, toda criança tem direito a infância. “[...] sujeito de autodeterminação, ser ativo, na busca do conhecimento, da fantasia, e da criatividade [...]”. (OLIVEIRA 2011, p.81).

Portanto, as mudanças ocorridas na Europa em torno dos estudos da educação infantil sobre suas peculiaridades são refletidas no mundo e mesmo o Brasil tendo suas características próprias na educação infantil, ele acompanhou as mudanças na concepção da infância.

De acordo com Oliveira (2011), em comparação de como se deu a Educação Infantil na Europa, no Brasil não foi diferente, as primeiras iniciativas surgiram na metade do século XIX, o trabalho voltado às crianças tiveram um caráter higienistas, e era realizado por médicos que se dirigiam contra o alto Índice de mortalidade infantil. No Brasil, o surgimento das creches foi um pouco diferente do restante do mundo enquanto no mundo a creche servia para as mulheres terem condições de

trabalhar nas indústrias, no nosso país as creches serviam para atender não somente os filhos das mães que trabalhavam na indústria, mas também aos cuidados de escravos e de crianças abandonadas. Nesse sentido, Oliveira (2011), afirma que:

No período precedente á proclamação da República, observam-se iniciativas isoladas de proteção á infância, muitas delas orientadas ao combate das altas taxas de mortalidade da época, com a criação de entidades de amparo. Ademais, a abolição da escravatura no Brasil suscitou, de um lado, novos problemas concernentes ao destino dos filhos de escravos, que não iriam assumir a condição de seus pais, e, de outro, concorreu para o aumento do abandono de crianças e para a busca de novas soluções para o problema da infância [...] (OLIVEIRA, 2011, p.92).

Para acolher essas crianças abandonadas creches, asilos e internatos foram criados com a mesma finalidade que é de cuidar das crianças pobres. Por conta da influencia europeia no nosso país, o movimento Escola Nova foi trazido para o Brasil, com a finalidade de ser assimilados pela elite do país a ideia de jardim da infância, que visava o desenvolvimento da criança. O jardim de Infância foi pauta de muitos debates políticos da época. Criticas sobre o jardim de Infância surgiram, comparava o jardim de Infância as salas de asilo francesas, um local de guardar as crianças. E outros por influencia dos escolanovista defendiam que era um lugar propicio para o desenvolvimento da criança. O centro dos discursos argumentativos: o jardim da infância tem como finalidade a caridade e o seu destino aos mais pobres, portanto não deveria ser de responsabilidade a sua manutenção pelo poder público.

Em meio a tantos debates em 1875 no Rio de Janeiro e em 1877 em São Paulo, foi criado o primeiro jardim infantil público que visava o atendimento as crianças da classe social desfavorecida. Ambas desenvolviam o trabalho pedagógico inspirado em Froebel.

Historicamente a visão que se tinha da creche e que vem se perpetuando nos dias atuais: creche voltada para o assistencialismo, uma educação compensatória aos desfavorecidos da sociedade. As creches atendiam somente aos cuidados com a higiene e a alimentação, a parte pedagógica não era dada a devida atenção.

Na República de 1899 foi fundado o instituto de proteção e assistência á infância, que foi porta de entrada para a criação do Departamento da Criança no

Brasil em 1919, cuja responsabilidade caberia ao estado, mas foi mantido na realidade por particulares que se preocupava com assistência a criança.

Com o advento da urbanização e a industrialização no início do século XX, produziram muitas modificações na sociedade e na estrutura familiar referente aos cuidados com os filhos, uma vez que a mulher que era somente dona de casa passou a trabalhar nas indústrias. A mulher trabalhando fora de casa precisaria de um local pra deixar os seus filhos. A partir de então reivindicações por parte dos movimentos dos operários que foram feito nas indústrias e dentre elas a existência do local para abrigar os filhos enquanto as mães trabalham.

Essa reivindicação aos donos de indústrias foi transferida para o Estado e abertura para a criação de creches, parques infantis e escolas maternais por parte do poder governamental. Nesse período a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional de 1961(Lei 4024/61) incluiu os jardins de infância no sistema de ensino. Toda mudança conquistada no contexto sociopolítico e econômico nos início dos anos 60 foi modificados pelo governo militar e a educação no geral e a educação das crianças teve reflexos marcantes.

Com o fim do período da ditadura militar de governo em 1985, novas ações políticas pensadas na creche foram incluídas no Plano Nacional de Desenvolvimento de 1986. Muitas indagações foram feita pelos educadores sobre as funções das creches, e começaram a romper com a visão da creche assistencialista e propuseram que as creches deveriam ter a função pedagógica a fim de desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas das crianças.

Por conta das lutas pela democratização do ensino da escola pública, mais as reivindicações dos movimentos feministas e dos movimentos sociais pelo direito das crianças a creche, foi certo a vitória, uma vez que a Constituição de 1988 reconhece a educação em creches e pré-escola um direito da criança e um dever do Estado o seu cumprimento no sistema de ensino.

A educação infantil ao logo dos anos ganha visibilidade e as mudanças no mundo em torno da concepção de infância é modificada, atualmente a criança é vista como sujeitos de direitos e para garantir os direitos das crianças foi necessário como mencionado anteriormente, à luta dos movimentos sociais em prol da Educação Infantil no tocante a creches com o objetivo de acolher as crianças

pobres, filhos de trabalhadoras de baixa renda. A luta dos movimentos sociais em prol da educação pública não é recente, mas, atualmente essa luta é visível e o seu caráter não é assistencialista, é educativo.

Nessa luta, os movimentos que vêm se destacando como o dos professores e dos estudantes que tem como foco a busca pela democratização da escola e que esta seja de qualidade. Construções e reconstruções em torno do conceito de criança e infância que partiu primeiramente a nível nacional no tocante as Políticas Públicas para Educação Infantil por meio de mobilização social.

A Educação Infantil ganha força ao ter documentos orientadores que trata da sua especificidade no Brasil. Dentre esses documentos temos a: Constituição 1988 Artigo 205 que afirma que a Educação é direito de todos e dever do Estado e da família. E no artigo 208 inciso IV ,garanti o atendimento das crianças de creches e pré-escola de zero á cinco anos de idade e a LDB (Lei de Diretrizes da Educação), altera a lei 9394/96 que não tinha a pré-escola de caráter obrigatório e passa ter obrigatoriedade a partir da lei 12.796, 04 de abril de 2013 por conta da Emenda constitucional nº 59 de 11 de Novembro de 2009, que estende a obrigatoriedade do ensino de 4 aos 17 anos confirmado no Artigo 208 inciso I.

A educação infantil tem uma função pedagógica, uma vez que o trabalho toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia, através de atividades que têm um significado concreto para a vida das crianças e que simultaneamente, asseguram a aquisição de novos conhecimentos. Mas, a visão da creche se consolida no nosso Brasil e Bahia no assistencialismo para atender as famílias que pais e mães trabalham, assim, irão poder trabalhar despreocupados, pois os seus filhos (as) receberam todos os cuidados básicos. Nesse sentido, Oliveira (2011), afirma que:

Em nosso país, as instituições mantidas pelo poder público têm dado prioridade de matrícula aos filhos de trabalhadores de baixa renda, invocando a noção de “risco social”. Por vezes, o argumento é que a educação das crianças em idade anterior á do ingresso no ensino fundamental deve ser um serviço de assistência ás famílias, para que pais e mães possam trabalhar despreocupados com cuidados básicos a serem ministrados a seus filhos pequenos. (OLIVEIRA, 2011, p.37)

A condução educacional das creches é visar o pleno desenvolvimento das crianças garantido na Lei de Base da Educação que afirma que a Educação Infantil

é a primeira etapa da Educação Básica, visando o pleno desenvolvimento da criança em sua totalidade, físico, psicológico, intelectual e social para as crianças de até 03 anos de idade. A creche tem como função complementar a educação da família e da comunidade.

A criança é compreendida como sujeitos históricos de direitos, que precisa que sua etapa de desenvolvimento seja respeitada. A proposta pedagógica para as crianças deve propiciar a interação com o outro por meio das brincadeiras e explorações do ambiente. E priorizando o desenvolvimento da imaginação, do raciocínio e da linguagem para que a criança se aproprie de conhecimentos do seu meio social, buscando sempre explicação de tudo que acontece ao seu redor. Na minha prática pedagógica esse desenvolvimento acontece a partir de atividades lúdicas, pois, é na brincadeira que a criança desenvolve suas competências, habilidades e criatividade.

3 REFLEXÕES HISTÓRICAS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL

Para entender o presente é necessário conhecer um pouco o passado dos acontecimentos em torno da sexualidade. Pensa-se que a sexualidade é uma temática atual, cada sociedade viveu a sua sexualidade, segundo a sua cultura, contexto social e econômico de cada época. Na minha sala de aula eu trato a sexualidade naturalmente sem reprimir a curiosidade natural das crianças. Já desenvolvi atividades sobre a sexualidade, partindo do conhecimento prévio das crianças, no intuito de saber o que elas já aprenderam na sua convivência e não de despertar sexualmente. De acordo com a autora Pereira (2008) a sexualidade era muito natural na antiguidade, existiam desenhos feitos por humanos expressando a sexualidade, esses registros são datados a mais de 22 mil anos e apontam semelhanças dos atos sexuais do ser humano com os comportamentos dos animais.

Com a extinção dos povos nômades, surgiram novas formas de organização social com o objetivo de formar grupos nucleares (gênese da estrutura familiar) com a finalidade de garantir e preservar a sua subsistência. Assim como Pereira (2008) nos diz que:

No entanto, o conceito de família passa, constantemente, por transformações históricas e culturais. Essas mudanças relacionam-se direta ou indiretamente com o conceito de sexualidade. (PEREIRA, 2008, p.05)

Nunes e Silva (2006) afirmam que nos séculos XVI e início do século XVII a criança europeia vivenciava a sua liberdade de expressão no tocante a sua sexualidade, uma vez que era tratada pelos os adultos de forma gratificante e afirmativa. Nesse tempo era muito comum os pais mostrarem os órgãos genitais dos seus filhos a sua parentela, aos visitantes que recebiam na sua casa e até mesmo os seus vizinhos. Na família medieval até os sete anos crianças viviam livres de regras morais e compromissos sociais. Em meados dos séculos XVII os adultos não escondiam suas ações diante das crianças, tudo era permitido na frente delas inclusive a prática sexual, palavras grosseiras e brigas. No que tange as brincadeiras da época era permitido o toque corporal e nos órgãos genitais das crianças.

Segundo os estudos de Nunes e Silva (2006) no século XIII as vestimentas infantis eram parecidas com os dos adultos: incluindo, sapatos altos, perucas, as meninas pareciam mulheres em miniaturas. Não existia a preocupação de separar o mundo adulto, do mundo infantil, os dois mundos estavam interligados. Já no século XV as vestimentas ganhou nova roupagem, as meninas e meninos se vestiam de forma semelhantes: vestidos largos e compridos, com relação aos brinquedos e brincadeiras nos séculos XVII e XVIII, meninos e meninas brincavam de bonecas, não existia preconceito, sem problemas de identificação de papel sexual entre os sexos. Contudo, essas tradições foram se perdendo aos poucos e percebe-se que as diversas posturas diante da sexualidade foram variando segundo a sociedade e cultura das épocas. Nesse sentido, Nunes e Silva (2006), afirma que:

[...] a postura assumida diante da sexualidade varia muito de acordo com a sociedade, sua cultura, seu contexto histórico e ideológico. Existem comunidades de configuração social e cultural diversa da nossa que guardam diferentes práticas institucionais de iniciação e informação sobre corpo e sexualidade. (NUNES E SILVA, 2006, p.33)

Segundo Pereira (2008), com o passar dos séculos as mudanças foram acontecendo e comportamentos em torno da sexualidade foram construídos. O sexo passou a ser permitido dentro do seu local: família e casamento. Tal pensamento foi fundamentado em base Cristã que preconiza o sexo para a reprodução humana. A partir dessa ideologia...

[...] o comportamento de crianças e jovens passou a ser mais vigiado e controlado. A influência religiosa, pelo controle da confissão, teve acesso inclusive aos pensamentos, que passaram a ser descritos e condenados como pecaminosos. (PEREIRA, 2008, p.05)

Shicasho e Manzini (1999 apud Pereira 2008), afirma que a família no século XVIII passa a ser um instrumento de controle das crianças, uma vez que omite e limita informações sobre a sexualidade. Desse modo, atitudes repressivas perpassam séculos e são percebidas atualmente. Os aspectos históricos e culturais são levados em consideração, uma vez que há diferentes concepções sobre a sexualidade. Existe contradição muitas vezes no espaço escolar e na família, no tocante ao comportamento sexual das crianças. Nunes e Silva (2006) traz o autor Michel Foucault (1988) em História da Sexualidade, volume I: A vontade de saber para ajudar a elucidar melhor sobre as práticas repressoras na sociedade.

A prática repreensiva segundo Foucault (1988) tem o seu início no século XVII, nas sociedades burguesas falar de sexo seria muito difícil e custoso. De acordo com Nunes e Silva (2006), os burgueses produziram um gigante processo de estratificação social e separação social através dos jogos, por influencia dos pedagogos, humanistas, médicos iluministas e alguns reformadores. A sociedade moderna é apontada por Foucault, como a que se utiliza de dispositivos estruturais para restringir as práticas sexuais e impõe a realização de práticas repreensivas de poder.

Segundo Foucault a sexualidade é um dispositivo histórico, pois, é constituído por meio da invenção social, partido do ponto de vista de cada olhar a respeito do sexo, e desse modo o mesmo é regulado, normatizado e dessa forma “verdades” são constituídas em torno do sexo. A sexualidade tem uma relação de poder e prazer, o mundo das crianças é separado dos adultos, há separação de meninos e meninas, a vigilância continua para evitar a masturbação das crianças. Nesse sentido:

As instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família ,uma outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres; porém também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos ,privilegiados ,como a sala de aula ,o dormitório ,a visita ou a consulta. (FOUCAULT, 1988, p.54)

O poder sobre o sexo está em todas as instâncias da sociedade, do Estado á família, pai ao filho, mestre ao discípulo, o seu funcionamento acontece de acordo a lei, da interdição e da censura. “Á homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia, naquele que o poder coage [...] a forma geral da submissão” (FOUCAULT, 1988, p.95). Na relação de poder entre dominador e dominado acontece de forma intencional.

Foucault no seu livro *História da Sexualidade* - a vontade de saber seguiu com seu estudo sobre o dispositivo da sexualidade analisando a sua formação, a partir da carne, tomando como base a visão Cristã, e como esse dispositivo tem se desenvolvido dentro de quatro estratégias desdobradas no século XIX: sexualização da criança, Histerização da mulher, especificação dos perversos, regulação das populações. Estratégias essas que perpassam por toda família e que precisa ser visto, não como poder que interdita, mas como fator capital da sexualização.

Foucault (1988) nos seus estudos sobre a sexualidade descreve que a sexualidade é um dispositivo que tem uma relação de poder e saber dentro da sociedade, uma vez que informação sobre a sexualidade não era permitido a todos. No tocante a sexualidade precoce das crianças o mesmo afirma que é prejudicial à saúde e ameaça o futuro de toda a sociedade. Nesse sentido:

A sexualização da criança foi feita sob a forma de uma campanha pela saúde da raça (a sexualidade precoce foi apresentada, desde o século XVIII até o fim do século XIX, como ameaça epidêmica que corre o risco de comprometer não somente a saúde futura dos adultos, mas o futuro da sociedade e de toda espécie)[...] (FOUCAULT, 1988, p.159-160)

Percebe-se que a temática da sexualização era discutida e já se tinha a concepção que a sexualidade precoce coloca em risco a saúde dos adultos e ameaça o futuro de toda sociedade.

Mas, é no mundo contemporâneo que o estudo sobre a sexualização infantil ganha destaque por as crianças estarem entrando cada vez mais cedo no mundo sexual do adulto em virtude de diversos mecanismos de consumo a disposição do cotidiano dos adultos e que, por conseguinte está disponível ao público infantil. A sexualização na infância é uma preocupação, pois compromete a saúde da criança e de toda a sociedade como já afirmou Foucault (1988) nos seus estudos.

Daí a minha vertente e preocupação para falar nesse trabalho surgiu por conta da minha vivencia em sala de aula, a minha preocupação sobre essa vivência da criança em contato com música, teatro, televisão da sexualidade infantil e minha experiência em relação a isso.

A luz dos estudos realizados por Louro (2003) e Bonfim (2012), falaremos sobre os fatores de influência sobre nosso comportamento no mundo contemporâneo. Louro (2003), afirma que as significativas mudanças ocorridas no campo da política, economia, social e cultural a partir do século XVIII no tocante ao conceito de Infância nos âmbitos: educação, família, instituições educativa, combinados com o acesso da criança as informações sobre o mundo adulto, especificamente com o advento das novas tecnologias nas últimas décadas, tais como: os meios de comunicação de massa e, sobretudo a internet, tem contribuído para as mudanças na vivência das crianças. A autora afirma que estamos vivendo a crise da infância contemporânea ou desaparecimento, o nome que alguns autores e

autoras como: Postman(1999), Steinberg(2001), Corazza(2002) e Bujes (2003.) denominam. Nesse sentido, “As representações de pureza e ingenuidade, suscitadas pelas imagens infantis, têm convivido com outras imagens, extremamente erotizadas, das crianças, especialmente em relação às meninas [...]”. (LOURO, 2003, p.53).

Com relação à entrada das crianças no mundo consumidor se deu na década de 50, século XX, com o aparecimento das novas tecnologias produzidas depois da Segunda Guerra Mundial. A partir daí uma grande variedade de produtos de modo geral foram confeccionados para atrair o público Infantil. O surgimento dos veículos de comunicação vai permitir a propaganda dos produtos com a finalidade de despertar o interesse das crianças, nas propagandas muitos produtos criam a imagem de uma criança erotizada. Desse modo:

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, dos jornais, das revistas, das propagandas, outdoors, e, mais recentemente, da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas, [...] (LOURO, 2003, p.56)

Em concordância com o pensamento de Louro (2003) a autora Bonfim (2012) afirma que os meios de comunicação influenciam o nosso comportamento social criando símbolos sexuais, em especial as crianças e os adolescentes por não terem discernimentos para refletirem sobre os “modelos” utilizados como estratégia idealizada para o favorecimento de vendas de produto ou de comportamentos afirmados como “modernos”.

As famílias condicionadas pelo mercado consumidor e pelos meios de comunicação, muitas das vezes agem inconscientemente expondo os seus filhos a conquista de produtos do mercado que faz alusão ao sexo e conseqüentemente à violência sexual, uma vez que a sexualização precoce do corpo de seus filhos estimulado a partir da maneira que se veste. Os programas de televisão, a internet expõe o corpo feminino e masculino fazendo referencia a sexualidade deturpada, distorcida e desinformada que induz á sexualidade precoce, as crianças são alvos principais, pois não tem como discernir o que veem e o que ouvem na mídia. Nesse sentido Bonfim (2012), afirma que:

Influenciados pelo que ditam os meios de comunicação, as crianças e adolescentes constroem sua identidade social e sexual. As telenovelas, os programas televisivos, os instrumentos publicitários, entre outros, modelam o comportamento dos jovens, influenciando profundamente sua maneira de ver e de agir. Além de transformarem a sexualidade num produto de consumo, os meios de comunicação ainda promovem a construção de compreensões diversificadas das relações de gênero, funcionando como “modelos” de condutas sexuais. (BONFIM, 2012, p.115)

Segundo Bonfim (2012), a sociedade consumista vem contribuindo cada vez mais para a erotização precoce das crianças, na medida em que desejos sexuais são incitados e conseqüentemente as crianças iniciam as suas atividades sexuais muito cedo. Em uma sociedade que o sexo e a sexualidade foram virtualizada e mercantilizada, “[...] pode-se dizer que estamos caminhando - se é que não chegamos- para tempos de uma sexualidade meramente instintiva, compensatória e desumanizada, que não leva em conta a dimensão ética”. (BONFIM, 2012, p.115).

Para que a ética em torno da sexualidade seja construída nesse mundo contemporâneo que sexualizou os corpos infantis é necessário que a família se reconheça como fundamental para ensinar os seus filhos e filhas valores da vida e da sexualidade. De acordo com Bonfim (2012), os pais não devem responsabilizar a escola pelo papel que são deles, a educação sexual na escola vem como complemento para, enriquecer, levantar questionamentos e contribuir para formação dos valores da ética, estética da sexualidade, porém e da família essa incumbência de abrir um diálogo desses valores.

Diante do exposto, percebe-se que é preciso nos dias de hoje um diálogo aberto sobre a sexualidade sem distinção de idades , pois o mundo contemporâneo com suas tecnologias não faz. É imprescindível que a criança desde cedo aprenda que ela tem uma sexualidade e que esta é muito mais que o contato físico, a sexualidade em sua dimensão envolve relações efetivas, respeito por si e pelo outro. A união da família e escola é de fundamental importância para a quebra de paradigmas que foram construídas em torno de uma sexualidade que sexualizou os corpos infantis, e que nas entrelinhas enaltecer e fortalece as práticas da pedofilia.

Os estudos a seguir irão nos proporcionar o entendimento sobre o conceito de sexualidade, sexo, sexualização, o que os documentos legais dizem sobre sexualidade, e a intervenção em sala de aula.

4 CONCEITOS DOS TERMOS: sexo, sexualidade e sexualização

Diante da minha prática como professora de Educação infantil ao longo desses três anos, muitas experiências foram vividas com as crianças e até então resolvidas, contudo, assuntos como sexualidade e/ou sexualização vividos numa sala de crianças de dois anos, tem chamado a minha atenção e criando necessidades de maiores informações e respostas quanto ao comportamento dessas crianças.

Para tanto essa pesquisa vem para dar uma luz ou 'norte' quanto às ações e conduções para professoras quando em situações trazidas por essas crianças.

Fazer a pesquisa na área da sexualidade infantil não é muito acessível às professoras, uma vez que buscar teóricos que discutam esse tema não é fácil, mas é necessário, pois no meu cotidiano escolar com crianças da creche percebo que a sexualidade infantil em alguns momentos é manifestada e conhecendo os conceitos sexo, sexualidade e sexualização é possível desenvolver uma prática pedagógica emancipatória eficiente sem reprimir, pois a minha intervenção pedagógica terá fundamento teórico e metodológico uma vez que foi necessário buscar o conhecimento por meio da pesquisa para compreender a sexualidade infantil.

Para iniciarmos a falar sobre a sexualidade que é um tema muito complexo é de fundamental importância conceituar cada termo: sexo, sexualidade e sexualização., a fim de sabermos diferenciar e compreender os seus reais sentidos, para poder ensinar e utilizar corretamente.

4.1 CONCEITOS DE SEXO E SEXUALIDADE

Para definirmos e compreendermos o termo sexo foi necessário recorrer a Nunes (2006, p.74), que afirma que “é possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal”.

De acordo com Guimarães, (1995 apud Bonfim 2012) que conceitua que o sexo são as diferenças existentes entre o homem (macho) da mulher (fêmea) as

características físicas, biológicas e hereditário presentes em cada qual são atrativos para a reprodução.. Assim, portanto:

Sexo refere-se [...] ao fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para reprodução. [...] á diferença biológica entre macho e fêmea incluindo diferenças da anatomia, da fisiologia, da genética, do sistema hormonal. (GUIMARÃES, 1995 apud BONFIM 2012, p.21-22)

Na visão da sexóloga Marta Suplicy o sexo é o órgão genital, que determinará as diferenças entre macho e fêmea e o seu gênero: feminino ou masculino.

Para se matricular em uma escola, para arrumar um emprego, ou entrar em algum concurso, você tem de preencher um quadrinho, que é para identificar o seu sexo: Masculino ou Feminino. Essa identificação aponta para as diferenças entre o corpo do homem e o da mulher. A diferença mais visível é que o homem possui pênis e escroto, e a mulher tem vulva e vagina. Estes são os principais órgãos sexuais e determinam se você pertence a um sexo ou a outro. (SUPLICY, 1990, p.11)

É perceptível que a visão de (Guimarães 1995 apud Bonfim2012), Marta Suplicy (1990), Nunes (2006) há uma concordância de pensamento ao definir que sexo são características biológicas e naturais dos indivíduos e pertencentes a esses desde o seu nascimento.

Segundo (Nunes e Silva, 2006), quando nos referimos a sexualidade, esta se mostra ligada à cultura humana social e politicamente construída. Desse modo, sexualidade é inerente ao indivíduo. O homem é um ser sexuado. As manifestações sexuais ocorrem mesmo antes do nascimento, mesmo dentro da barriga quando ocorre a ereção peniana e a lubrificação da vagina que acontece de forma espontânea e são reações do corpo que não foram aprendidas, são do biológico.

Nesse sentido para compreender a sexualidade infantil é preciso conhecer as etapas do desenvolvimento psicosssexual das crianças, desenvolvidas por Freud que é considerado pai da Psicanálise. Segundo Nunes e Silva (2006), Bonfim (2012), apud Freud a sexualidade das crianças está ligada as zonas sensoriais do corpo tais como: sucção com a boca, lábios, pele, ânus, órgãos genitais que são áreas excitáveis as zonas erógenas que provocam sensação de prazer e uma vez satisfeita com a estimulação prazerosa dessas zonas sentirá necessidade de repetir

para buscar o prazer novamente, necessário deixar claro que a atividade sexual infantil ocorre de forma inconsciente.

Estudando a abordagem psicosssexual trazido por Nunes e Silva (2006) e Bonfim (2012) na visão Freudiana será de fundamental importância para a compreensão das manifestações da sexualidade infantil no tocante as suas fases de desenvolvimento. A contribuição dos estudos de Freud é imprescindível para o reconhecimento da origem da sexualidade das crianças. No campo educacional esse estudo é necessário para a quebra de manifestações preconceituosas recorrentes nas práticas pedagógicas das instituições de ensino referente a sexualidade das crianças.

De acordo a Bonfim (2012), Freud aponta que a curiosidade sexual da criança é natural, interrogações surgirão sem maldades. As suas manifestações são naturais, saudáveis e são importantes para o amadurecimento e desenvolvimento afetivo-sexual.

A sexualidade não pode ser tratada apenas como sexo; ela é a totalidade de nossos sentimentos, interações, dos relacionamentos que estabelecemos durante nossa vida desde que somos gerados; ela é inerente ao nosso ser. E, em cada época da vida, ela vai se manifestando física e emocionalmente, despertando a curiosidade de conhecer a si próprio, de conhecer o outro, de conhecer o mundo. Uma curiosidade natural e saudável, que não deve ser estimulada, mas jamais pode ser negligenciada. (BONFIM 2012, p.72)

A temática da sexualidade infantil surgiu no momento em que comecei a observar as manifestações da sexualidade nas crianças da creche. Surgiram muitas inquietações que me levaram a estudar realmente como ocorrem às manifestações naturais da sexualidade para não intervir de forma equivocada diante delas.

Durante a elaboração do projeto de pesquisa fiz um levantamento bibliográfico para conhecer os autores que dialogam com esse tema, para ter certeza do caminho a seguir. Com as observações na minha turma no tocante a sexualidade infantil e com os estudos realizados, comecei a desenvolver uma observação intensa na turma, realizei um trabalho de observação individual com a criança que mais expõe a sua sexualidade. E foi nesses momentos, como da troca da fralda que ela sempre mostrava o seu órgão genital afirmando e nomeando assim reproduzido: “olha minha binga, minha binga” ao que eu interpelava: quem disse que é esse nome, ele afirmava “minha mãe”, passei a informa-lo: é por aqui que você faz

xixi, você pode pedi pra pró para fazer xixi no banheiro e não na fralda. E não falei o nome verdadeiro do seu órgão genital. No outro momento na hora do banho ele mostrou novamente e apenas disse: é você faz xixi por aí. Nessa manifestação observei que era um despertar natural, porém não revelei para ela o nome correto do seu órgão genital, pois fiquei com receio.

Nesse sentido, é um grande desafio trabalhar a sexualidade com crianças tão pequenas, uma vez que é preciso saber intervir corretamente, e para tal é necessário o conhecimento e compreensão das fases da sexualidade infantil desenvolvidas por Freud sobre as manifestações sexuais nos indivíduos. Nunes e Silva (2006) e Bonfim (2012), Freud relata e descreve as fases vivenciadas pelas crianças. A fase oral é a primeira fase que aparece no início da vida da criança, começa a sentir prazer em tudo que leva na boca a fim de descobrir o mundo que está a sua volta. “Nesta fase, há uma grande satisfação libidinosa em todas as atividades (morder, sorrir, chorar, sugar) oriundas da atividade oral”. (NUNES E SILVA, 2006, p.85).

De acordo com Bonfim (2012), a boca é a primeira parte do corpo em que a criança concentra a libido. Na medida em que vai crescendo vai perdendo o foco dos prazeres orais, porém há indivíduos que mantem o foco do prazer oral pelo resto da vida. A fase a seguir é anal que ocorre por volta de (1 a 3 anos), nesta fase a criança descobre que é possível controlar as fezes e urinas e sente prazer em produzi-las. Percebe-se que nesta fase as crianças começam a adquirir a sua autonomia e desprende-se totalmente das fraldas e realiza as suas necessidades fisiológicas no ambiente padronizado. “Nessa etapa, a criança começa a aprender sobre controle e limites, por meio dos movimentos de expulsão (doar, eliminar, excluir, separar) e retenção (ter, segurar, controlar, reter, guardar)...” (BONFIM, 2012 p.81).

A fase fálica (3 a 6 anos) a criança descobre que tem órgão sexual e a partir daí começa a manipulação e prazer com o órgão genital. Esse ato é inconsciente e faz parte da curiosidade natural da criança pela busca do reconhecimento do seu corpo. Nessa etapa as crianças pensam que menino e menina possuem o mesmo órgão sexual, a partir do momento que se depara com as diferenças entre os sexos, criam os jogos sexuais pensando que no menino o pênis é a sua identidade, pois a sociedade é patriarcal e o pênis da menina foi arrancado (castração). De acordo a Nunes, Silva (2006):

Coincidem com a descoberta dos órgãos sexuais, manipulação e prazer neste exercício, das diferenças sexuais e do afloramento da questão edipiana. Freud aponta aqui a época das descobertas das diferenças genitais, na qual o menino seria diferentemente identificado com a sociedade patriarcal através da descoberta do “pênis” e sua simbologia e a menina experimentaria a “castração” simbólica, geradora de ansiedade, a base das sublimações, pela descoberta da “ausência” do “pênis”. (NUNES; SILVA 2006, p. 86)

No período de latência (6 a 9 anos) “No qual o impulso sexual sofre diminuição ocorrendo maior ênfase nos aspectos de sociabilidade, gregarismo e descobertas intelectuais” (NUNES; SILVA, 2006, p. 86). A libido sexual diminui, as crianças começam a gastar as suas energias em atividades dentro da sociedade, pois valores e papéis sexuais culturais foram adquiridos. É a partir daí que a criança sente vergonha em virtude da moral imposta pelo meio em que vive. Esse período de acordo com Freud vai até a puberdade.

Durante ele a sexualidade normalmente não avança mais, pelo contrário, os anseios sexuais diminuem de vigor e são abandonadas e esquecidas muitas coisas que a criança fazia e conhecia. Nesse período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como vergonha, repulsa e moralidade, que estão destinadas a fazer frente á tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando. (FREUD 1926, livro XXV, p.128 apud BONFIM 2012, p.90)

Fase genital inicia-se aos 10 anos de idade, nessa etapa a criança passa por mudanças no corpo, biológicas, afetivas e sociais que vão até adolescências. É um período de maturidade psíquica a organização das estruturas da psique, anteriormente consolidadas em experiências de tensão entre o “princípio do prazer” e o “princípio da realidade”, (NUNES e SILVA, 2006, p. 86).

Bonfim (2012) ressalta, que segundo Freud, a fase genital é imprescindível para se chegar ao pleno desenvolvimento biopsicossocial e intelectual de um adulto e este tem a capacidade de amar no sentido genital e é capaz de chegar ao orgasmo e aceita “conscientemente suas identidades sexuais distintas, buscando novas formas de satisfação para suas necessidades eróticas.” (BONFIM, 2012 p.90).

Essas fases aqui resumidas têm como finalidade mostrar as características sexuais estudadas por Freud, no tocante a sexualidade infantil que todas as crianças já passaram e que irão passar e, portanto é imprescindível conhecer essas etapas para que compreendamos como se dá o desenvolvimento psicosexual das

crianças, e entende-se que é na infância que os pais, as mães e escola devem ensinar a criança a reconhecer o seu corpo em todas as dimensões para a construção de sua efetividade, subjetividade e identidade.

Como já vemos nos estudos sobre o desenvolvimento psicosssexual abordado por Freud a criança desde pequena não tem vergonha de mostrar o seu corpo nu e tem a curiosidade de ver as partes sexuais de outras pessoas. Nesse sentido, a sexualidade infantil acontece por meio de impulsos do biológico diferente dos impulsos sexuais dos adultos que precisam de outras motivações. Nesse sentido:

Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata ainda de uma busca intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como “masturbação” ou “perversidade”. A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem às crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades. (NUNES E SILVA, 2006, p.77)

Desde que atuo na Educação Infantil como Educadora de creche, busco sempre dar o melhor do meu trabalho para que o ensino e aprendizagem das crianças ocorram significativamente. As turmas que lecionei eram de faixas etárias variadas, crianças de um ano, dois e três anos. Atualmente estou com o grupo de crianças de dois anos. O que mais me chamou atenção em relação às turmas foram o despertar e a curiosidade no tocante a sexualidade fortemente presente nesses grupos de crianças tão pequenas. O momento do banho e a troca das fraldas são momentos de busca das descobertas, pois algumas crianças se tocam e tocam na região genital observando-se e esse toque chama atenção da professora e dos colegas.

Diante do exposto percebo que a minha formação acadêmica não foi o suficiente para trabalhar com questões no tocante da sexualidade infantil, nesse sentido a pesquisa que estou desenvolvendo nessa área no curso de formação continuada da Pós-graduação na UFBA está sendo imprescindível para a minha prática pedagógica visto que as situações ocorridas no ambiente escolar são desafiadoras e exige do professor (a) formação para trabalhar com a sexualidade das crianças no âmbito escolar.

4.2 SEXUALIZAÇÃO INFANTIL

Na minha turma foi percebido também que há um afloramento precoce da sexualidade de algumas crianças demonstrada nas brincadeiras de faz de conta: na brincadeira de casinha a menina chama o menino de meu marido e beija-o na boca e chama pra deita na cama. Em outro momento uma criança deitou em cima do outro e simulou ato sexual. Algumas crianças dançam e cantam músicas de duplo sentido que sensualiza o corpo. As ações dessas crianças na creche revela o despertar precoce, por conta do contato da criança com filmes pornográficos, visualizações de cenas nas novelas, na rua, em revistas, e diante de tudo isso, percebe-se a sexualização precoce de algumas crianças. Esse olhar para a sexualização infantil se deu a partir de estudos e diálogo com a minha professora orientadora Cláudia Pedral. Anteriormente a minha visão estava limitada ao despertar da sexualidade natural. A partir do novo olhar detectei que a sexualização infantil era o objeto de estudo a ser pesquisado.

Sobre a sexualização, as crianças em contato com a mídia, seja TV, cinema, músicas, propagandas, outdoors e recentemente ao acesso as redes sociais que propagam a erotização dos corpos infantis a da sua sexualidade, certamente no cotidiano da sala de aula, as crianças vão expressar o que veem o que ouvem, e o professor deve está preparado para lidar com o despertar sexual precoce das crianças, acarretado pelo mundo contemporâneo que vê o corpo infantil como sinônimo de poder e jogo de interesse. Nesse sentido, Paterno (2011) afirma que:

As influências mercadológicas tendem a erotizar e a provocar comportamentos de sensualidade e de virilidade nas crianças, pois elas tendem a usar roupas e produtos da moda adulta. Algumas meninas usam maquiagem, pintam as unhas, procuram uma aparência mais velha, como das mulheres, e uma parte dos meninos, estimulados pelo exemplo de masculinidade que lhes é apresentado, ensaiam sua agressividade, por meio de jogos e de atividades de lutas ou outras que promovem a diminuição da distância existente entre os dois mundos. (PATERNO 2011, p.45)

Desse modo as crianças são vistas como pequenos consumidores, que dia após dia são alvo das propagandas vinculadas à comunicação e principalmente na TV. Por conta da influencia da mídia já fazem isso naturalmente ao se comportar a

partir do que vem ou ouvem, contudo, comportamentos sexuais são incorporados e o jogo de poder e interesse da mídia são alienantes.

Se até mesmo os adultos sofrem influências; imagine uma criança em processo de desenvolvimento que se apresentam até uma tenra idade como meros repetidores das ações ao seu redor. Segundo Foucault, (1988) as relações de poder ocorrem a partir do momento que existe o outro, e na relação de poder há uma intencionalidade, ele é exercido em meio às relações desiguais e imóveis; e dominadores e dominados estão em todos os âmbitos da sociedade e principalmente onde há situações de estratégia. Portanto é óbvio que nesse mundo do consumo vinculado ao jogo de poder e interesse; tenham no mundo infantil um encaminhamento cada vez mais precoce à vida adulta, pairando em torno da sua sexualidade deturpada. A discussão do tema sobre a sexualidade é imprescindível e deve ser pensada na perspectiva de mediar de uma forma saudável, pois o mundo contemporâneo vem instigando a sexualização dos corpos dos adultos e principalmente o corpo infantil no tocante a sexualidade.

Na rua, o trajeto à escola também brinda os sujeitos com imagens não selecionadas por eles nos outdoors e bancas de revistas, bem como em panfletos gratuitos. Os produtos adquiridos geralmente são pagos pelos pais, como roupas, mochilas e estojos escolares. Esses produtos não estão isentos de incitações ao sexo, pois há várias personagens sensuais para atender aos possíveis desejos das meninas e dos meninos. (PATERNO, 2011, p.132)

Na sala da aula é possível à percepção dos corpos infantis sexualizados, as crianças se vestem com roupas sensuais, dançam e cantam músicas que fazem apologia ao sexo sem compromisso e muitas vezes difamam a imagem do homem e da mulher. Segundo (Louro 2003) é possível vivenciar os novos modelos de exploração dos corpos e da sexualidade, erotizando o corpo infantil, levando a uma interferência na construção de identidades sexuais.

O comportamento sexualizados das crianças aprendido na mídia tem raízes pela exposição exagerada das crianças na televisão; e muitas vezes os pais e dentre outros que fazem parte do seu vínculo familiar, não acompanham de forma efetiva e orientadora. Hoje as crianças brincam cada vez menos, se vestem como adultos em miniatura.

Ao recordar novamente as aulas ministradas pela professora Marlene e o capítulo anterior sobre a história da Infância: as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, e que nos ambientes que frequentavam os adultos as crianças também se faziam presentes, ou seja, não havia distinção do que era para adulto ou para crianças. Com os estudos voltados ao longo dos anos para as peculiaridades da infância, percebe-se que houve a valorização e o reconhecimento da infância como etapa a ser respeitada, o ser criança tornou-se sujeitos de direitos. As roupas, músicas, programas de televisão foram voltados para esse público. Mas, hoje em dia está ocorrendo a sexualização dos corpos infantis e conseqüentemente as etapas do desenvolvimento não são respeitadas.

5 SEXUALIDADE E A TRANSVERSALIDADE NA EDUCAÇÃO

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96), no seu art.29 a finalidade da escola é com a educação em sua integralidade, portanto se compreendermos que a Educação Infantil tem o seu papel de trabalhar o desenvolvimento global da criança, entenderemos também que tratar da sexualidade infantil faz parte do desenvolvimento da criança uma vez que a sexualidade faz parte da integridade do ser humano. Assim o artigo diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.(BRASIL,1996,p.22,Art 29.)

Para tratar da sexualidade a escola é um lugar propício uma vez que o âmbito escolar é responsável pela formação juntamente com família e, portanto deve orientar o seu público no tocante a sexualidade. Nesse sentido, sobre Educação sexual Louro (2003) afirma:

Insisto que educação sexual, em qualquer nível de ensino deve caracterizar pela continuidade. Uma continuidade baseada em princípios claros de um processo permanente - porque o bombardeamento midiático de informações recebidas por crianças e jovens é permanente... (LOURO, 2003, p.68)

Desse modo, é imprescindível tratar a temática da sexualidade com naturalidade e tranquilidade, mas para tal é de fundamental importância que se criem o hábito de discutir a sexualidade em sala de aula de forma clara.

Para falar da Educação Sexual foi necessário buscar orientação dos autores, Nunes e Silva (2006) a luz da temática, *A sexualidade da criança: Fundamentos Teóricos e Pedagógicos e os Parâmetros Curriculares Nacionais*. Os autores discutem que nos dias atuais, surgem iniciativas governamentais e não governamental no âmbito educacional brasileiro com o objetivo de desenvolver programas que pensem na formação integral do indivíduo. Essas iniciativas têm como finalidade superar a visão formativa do indivíduo fragmentado, é preciso à formação global dos indivíduo uma vez que vivemos em um mundo moderno que as

informações são rápidas e os sujeitos precisam de uma formação integral para interpretar as informações que nos cercam. Entende-se que para a construção social dos indivíduos a formação integral seja por meio da Ética, Estética e Política.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe a formação integral dos sujeitos e estabeleceu temas transversais tais como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Estudos Econômicos para se trabalhar na prática pedagógica em sala de aula preocupando-se com questões ligadas a cidadania e dignidade humana, igualdade dos direitos e participação dos sujeitos na sociedade.

Os temas transversais não são disciplinas novas são conteúdos de valores formativos, que devem está incluído no currículo escolar. Segundo o MEC (Ministério da Educação e Cultura, 1997) apud Nunes e Silva (2006) os temas transversais:

[...] Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, isto é, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores (MEC, 1997, apud NUNES E SILVA, 2006 p.64)

No tocante a sexualidade o tema transversal a ser trabalhado é “Orientação Sexual”, nesse tema há uma preocupação com questões ligadas a cidadania ,a ética,a saúde, aos direitos humanos e o respeito individual, coletivo e sociocultural da sexualidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais a educação sexual tem o papel colaborativo para a formação de cidadãos éticos que vivencie a sua sexualidade e dos outros com respeito e combata a repressão e a violência sexual em geral e em especial contra crianças, adolescentes e mulheres. Portanto:

A transversalidade do tema sexualidade está principalmente na característica da complexidade e da abrangência do tema. A atenção curricular á sexualidade humana é uma conquista que demorou para se efetivar, talvez ainda não estejamos vivendo a melhor forma de abordagem da sexualidade através da transversalidade, mas este é, com certeza, um momento histórico importante para nos aproximarmos de algo mais efetivo ,no sentido e direção de uma educação sexual emancipatória.(NUNES E SILVA ,2006,p.65)

Os Parâmetros reconhecem a importância de trabalhar a sexualidade na prática pedagógica. Porém não há uma preparação e condições materiais nas instituições para os professores tratar esse tema tão delicado na escola. É preciso formação continuada para que esse tema de suma importância não caia na banalidade e no improviso, uma vez que a trabalho transversal da sexualidade norteia um trabalho pedagógico sistemático, simples e direto que orienta a aprendizagem e o desenvolvimento dos indivíduos no tocante ao sociocultural, psicofísico, político e econômico, que leve em consideração o respeito (...) “as diferenças culturais, a diversidade de expressão da sexualidade e a valorização de cada indivíduo envolvendo as dimensões da saúde e da afetividade.” (Nunes e Silva, 2006, p.66).

Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil afirma que a sexualidade faz parte do desenvolvimento psíquico das pessoas independente da função reprodutora é relacionada com a função da busca pelo prazer, tal atitude está presente no ser humano. É inerente ao ser humano uma vez que é percebido desde o nascimento. O comportamento do indivíduo diante da sexualidade vai sendo constituído a partir da cultura e do meio social em que vive.

A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. (BRASIL, 1998, vol. 2, p.17).

O despertar sexual da criança pode acontecer em qualquer momento a partir de explorações e jogos sexuais sem que tenha presenciado, pois é natural e faz parte do desenvolvimento normal da criança.

Com a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, foi de suma importância para o reconhecimento da criança como sujeitos de direitos e a suas especificidades consideradas. A criança é sujeito de direito, e esse direitos garantidos em lei são: direito a educação, saúde, a alimentação, ao lazer, a cultura, ao esporte, a dignidade a liberdade de expressão ao desenvolvimento sadio e harmonioso. Na qualidade de efeito jurídico essas leis devem ser cumpridas para efetivação dos direitos das crianças inclusas nos direitos humanos.

Desse modo, a criança e o adolescente segundo a Constituição e o Estatuto da Criança e do Adolescente são aparatos legais que surgiram para que os sujeitos

de direitos: as crianças e adolescentes tenham as suas necessidades supridas e o seu pleno desenvolvimento dentro de uma sociedade que respeite as suas peculiaridades sem violações dos direitos.

5.1 INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA

Para que a intervenção pedagógica em torno da sexualidade ocorra significativamente em sala de aula, o professor (a) tem que refletir sobre o que consiste a sexualidade, saber orientar, educar as crianças sobre a sua sexualidade. De acordo com a Pedagoga Vanilza Silva (2009), em um dos seus artigos “Sexualidade e Aprendizagem: Quem Orienta? Quem educa?”, a mesma afirma que é de grande relevância abordar a sexualidade, não somente no que se refere aos aspectos biológicos, mas, sobretudo, nas dimensões sociais, culturais, fisiológicas, e psicológicas. Embora não seja uma tarefa fácil, por se tratar de assunto bem complexo e exige do educador um conhecimento amplo de si e do educando.

Não é tão simples lidar com questões que envolvem a sexualidade. É preciso olhar para si próprio, entender-se e conhecer-se para a elaboração pessoal, refletir sobre em que consiste a sexualidade, suas transformações frente ao desejo de aprender entre educando e educador. (SILVA, 2009, p.09)

Nesse sentido, é de suma importância nos dias atuais, o educador refletir o seu papel orientador e educador das crianças da educação infantil dentro de uma prática pedagógica que não reprima e que busque o desejo pela aprendizagem na relação entre professor e aluno.

Sobre a intervenção pedagógica no tocante a sexualidade das crianças Nunes e Silva (2006) afirma que é de fundamental importância tratar o tema transversal “Orientação Sexual” para uma prática pedagógica emancipatória sem reprimir as curiosidades das crianças. “Orientação Sexual” com tema transversal é uma conquista de pesquisadores e educadores progressistas que buscam a reflexão da sexualidade e uma intervenção ética nos nossos dias. “Além de ser necessário resgatar a sexualidade humana positiva, integral, afetiva e plena é preciso que o educador possa fazer a crítica dos papéis tradicionais e de suas convicções ideológicas”. (Nunes e Silva, 2006, p.106).

Ao abordar a sexualidade na escola é necessário se ter limites e possibilidades para não se tratar de maneira formativa e didática. A intenção é trabalhar a sexualidade na dimensão humana e que a mesma é construída a partir das relações com o mundo, sua cultura familiar em diferentes sociedades. Sobre a abordagem da sexualidade humana na escola Nunes e Silva (2006) afirmam que:

Ao abordar a sexualidade humana neste horizonte de valores, somos tomados, como pessoas e como educadores, da mais sacrossanta responsabilidade, a de poder contribuir com a emancipação pessoal e, do núcleo desta experiência, projetar aquilo que desejamos utopicamente para toda a humanidade, a saber, a vivência plena da dignificação erótica do corpo e da originalidade de cada ser no mundo. (NUNES E SILVA, 2006, p.109)

No tocante a curiosidade da criança sobre a sua sexualidade é fundamental para o seu desenvolvimento uma vez que a criança faz parte do mundo que a cerca. Nesse sentido é imprescindível educar as crianças para vivenciar plenamente a sua sexualidade, ação estas que enquanto educadores não fazemos. Estamos formando crianças ansiosas pela busca do saber, e perceptível às tantas perguntas que as crianças fazem no cotidiano da sala de aula sobre a sua sexualidade. Novas atitudes da família e dos Educadores frente às manifestações da sexualidade das crianças é preciso mudar, uma vez que a família e os educadores (as) são responsáveis sociais, segundo Nunes e Silva (2006) família e educadores são capazes de:

Gerar, preparar, enquadrar e habilitar as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica do grupo social a que pertencem [...] as crianças serão aquilo que puderem ser, á medida que a ação de pais e educadores buscarem proporcionar possibilidades de escolhas emancipatórias e informações consequentes, radicadas em diretrizes éticas e significados carregados de testemunho e afetividade. (NUNES E SILVA, 2006, p.113-117).

Segundo Nunes e Silva (2006) os educadores que não abordam e não discutem a sexualidade infantil na prática pedagógica em sala de aula e que não buscam o conhecimento para a sua formação profissional para aquisição de habilidade para trabalhar esse tema tão delicado, são omissos e irresponsáveis, uma vez que não está cumprindo o que a LDB (Lei de Diretrizes da Educação) determina: trabalhar a formação integral da criança. De certo é de fundamental importância que os educadores tenham um olhar de integralidade dos sujeitos, olhar sensível, tolerantes, instruídos e formados para desenvolver um clima junto à

criança de confiança e de liberdade para estruturação de princípios éticos de humanidade e dignidade da sexualidade. Desse modo,

Educar integralmente a criança exige a responsabilidade e cuidado de considerar todas as suas dimensões e trabalhar para que nenhuma delas fique de fora do seu processo de desenvolvimento. Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do ser humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo de educação. A história tem mostrado que uma educação fragmentária resulta na formação de cidadãos inseguros, frágeis e angustiados em relação a si próprios e aos outros, nas dinâmicas relações que estabelecem em sua vida. (NUNES E SILVA 2006, p.124)

A visão de emancipação sexual significa trabalhar na prática pedagógica a sexualidade em um ambiente favorável para a liberdade dos sujeitos de cultura que pensam que se expressam com os seus corpos e que precisam que a sua manifestação sexual natural sejam respeitadas. "[...] fazemos educação sexual porque os homens têm na sua sexualidade uma dimensão ontológica irreduzível." (Nunes e Silva, 2006, p.125).

Sendo assim, as intervenções em sala de aula em educação sexual devem levar em consideração a realidade das crianças, a sexualidade infantil deve ser tratada naturalmente de acordo com as necessidades apresentadas na turma. E, portanto é imprescindível que os educadores estejam cientes do seu papel para educação sexual emancipatória partindo dos princípios éticos da sexualidade. Quebrando assim com a concepção preconceituosas, distorcidas da sexualidade das crianças.

6 METODOLOGIA

Este capítulo tem como finalidade, mostrar o caminho percorrido, para buscar respostas das inquietações que surgiram desde que atuo na Educação Infantil a partir de 2013. Inquietações no que se refere à sexualidade infantil e a Sexualização precoce das crianças da minha turma. Para compreender melhor fiz observações na minha turma e ouvi professoras que atuam na mesma modalidade de ensino, com o objetivo de saber como se manifestam as crianças nos aspectos da sexualidade e a sexualização infantil, e quais as compressões das professoras frente a esse tema.

A pesquisa é qualitativa de cunho etnográfico. A pesquisa etnográfica que segundo Macedo (2004) propõe ao etnopesquisador a escuta sensível dos fenômenos ocorridos no campo, a fim de fazer fluir bem as informações buscadas. Nesse sentido, "a escuta sensível, como dispositivo de pesquisa, é uma conquista catalizadora de vozes recalcadas por uma história científica silenciadora e castradora." (Macedo, 2004, p.199.).

Na pesquisa a escuta sensível é imprescindível para o etnopesquisador uma vez que a escuta é facilitadora para se chegar ao conhecimento do objeto de estudo. Desse modo, ao fazer uso desse dispositivo além de contextualizar os sujeitos, é de suma importância olha-los como seres de grande relevância para a pesquisa.

Os estudos extensivos em Etnopesquisa crítica e Multirreferencial, do curso especialização em docência na Educação Infantil, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, com o professor Roberto Sidnei Macedo foram de suma importância para nós professoras pesquisadoras que estamos no trabalho de pesquisa. O professor ressaltou que a Etnopesquisa é um tipo de pesquisa que exige do pesquisador um olhar sensível, pois esse método prima pelo respeito aos fenômenos ocorridos no mundo empírico vivido por pessoas. É um trabalho exaustivo que requer do pesquisador muita criatividade, flexibilidade nos estudos, dedicação, organização e reorganização. O pesquisador é o principal instrumento dessa pesquisa uma vez que está em contato direto com os fenômenos investigado e os dados da realidade investigada é descritiva e tudo tem um valor fundamental para a análise. Nesse sentido, o pesquisador está direto no campo, olhando e

observando os fatos em tempo real, uma vez que está junto às pessoas vivenciando suas vidas e relatando.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, buscando a reflexão da realidade por meio dos métodos e técnicas, e essa realidade é a fonte rica de dados que são significativos e relevantes para a compreensão do objeto de estudo. Nesse sentido OLIVEIRA (2007) afirma que:

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segunda sua estrutura. (OLIVEIRA, 2007, p.37).

De acordo com LUDKE (1986), a abordagem de pesquisa qualitativa, propicia uma rica fonte de dados e o pesquisador como instrumento principal deve estar em contato direto com o ambiente investigado, por meio do trabalho de campo “[...] o trabalho de campo de inspiração qualitativa é uma certa aventura pensada sempre em projeto, e que demanda constantes retomadas. Não lida com objetos lapidados nem com a procura de regularidades.”(MACEDO,2004,p.147). Nos estudos de campo todos os fatores e informações são imprescindíveis para obtenção dos dados e para o trabalho de conclusão da pesquisa uma vez que facilita o entendimento dos fatos ocorridos em campo. Assim sendo,

[...] para se obter dados que caracterizam a complexidade dos grupos, organizações e instituições em educação, por exemplo ,as informações não-oficiais terão grande importância. Elas facilitam o entendimento real dos procedimentos burocráticos quase sempre reificados, bem como questões como a posição do observador em relação aos atores a serem estudados; os meios de acesso e como ele afetará suas relações com os sujeitos; como se realizou o contato inicial. Estas são situações cruciais para o entendimento das conclusões do estudo. (MACEDO, 2004, p.147).

Dessa forma, a pesquisa de campo segundo Macedo (2004) desempenha uma verdadeira “garimpagem” de expressões e sentidos em torno de tudo que é vivido pelos sujeitos da pesquisa. E é de fundamental importância que as pessoas estejam disponíveis para contribuir na pesquisa: informando, deixar ser observadas e participar da pesquisa para construção do estudo na sua totalidade. Para tal o vínculo de confiança entre pesquisador e sujeito da pesquisa é fundamental, e o pesquisador deve deixar bem claro que o sujeito da pesquisa estará contribuindo e

de forma alguma serão prejudicados por conta da pesquisa. Mesmo adquirindo a confiança dos sujeitos da pesquisa, segundo Macedo (2004) é de suma importância que o pesquisador tenha:

Honestidade, capacidade de persuasão quanto á importância social da pesquisa, compromisso ético, despojamento de vaidades acadêmicas, sabedoria em transitar pelas seduções que emergem das relações institucionais, construção de identidades se possível, e disponibilidade para uma contra-partida efetiva, paralelamente, e/ou partir da própria pesquisa, parecem-nos alguns pontos importantes para se conseguir um acesso capaz de possibilitar uma etnopesquisa densa e válida, enquanto estudo em profundidade de uma realidade. (MACEDO, 2004, p.149)

A etnopesquisa desde trabalho teve como base a construção do objeto a partir do pensamento do professor Roberto Sidnei. Durante as aulas o mesmo salientou que por ser a etnopesquisa flexível não dispensa a organização do objeto que investiga. Para começar a investigação começa-se pela inquietação, pois o pesquisador vai buscar através do seu contato exploratório inicial para dar início a construção do objeto. Nesse sentido o objeto de pesquisa deve ser claro e consistente para chegar bem delimitado e bem construído para que no trabalho final o pesquisador não encontre dificuldades e não chegue ao fracasso. Desse modo:

Argumentar o desejo de saber, as inquietações e dúvidas, as implicações sobre algum aspecto a ser conhecido de uma “dada” realidade bem delimitada, significam construir uma problemática. Formular algumas perguntas coerentes com a problemática construídas, com significativo poder de inclusão sobre esta realidade que se deseja conhecer, significam edificar as questões fundamentais da pesquisa. (MACEDO, 2004, p.243)

Nesse sentido na pesquisa o etnopesquisador é imprescindível na etnopesquisa “é a sua competência teórica, sua experiência com o objeto de estudo e sua acuidade criativa com o método que o transformará num bom etnopesquisador.” (MACEDO, 2004, p.245). Para tal, segundo Macedo (2004) o pesquisador tem que ser ousado, criativo e curioso e aberto a complexidade das ocorrências no campo de pesquisa.

Nesse trabalho foi utilizada a observação que é um procedimento fundamental na etnopesquisa, uma vez que exige do pesquisador, um olhar atento para que se possa chegar à compreensão dos fenômenos do campo de pesquisa e para tal é necessário o envolvimento total do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, a fim de criar laços de confiança. A observação direta de característica

qualitativa busca está mais perto possível da perspectiva do sujeito, tentando apreender sua visão de mundo ou mesmo dos significados que atribuem á realidade, bem como ás suas ações. “A experiência direta compreendendo, é sem dúvida melhor “teste de verificação” da ocorrência de um determinado fenômeno”. (MACEDO, 2004, p.151).

Na pesquisa foi utilizado o questionário aberto, instrumento importantíssimo na etnopesquisa, uma vez que permite a entrevista torna-se de difícil realização, por conta de vários fatores dentre eles a disponibilidade de tempo, não gosta de ser entrevistado. O questionário permite que o pesquisador busque informações pessoais dos sujeitos da pesquisa, tais como nome, data de nascimento, local onde reside, formação profissional etc. É recomendado que as perguntas sejam em pequena quantidade, e de acordo a Macedo (2004): “[...] as perguntas elaboradas devem ser claras, precisas, bem próximas ao contexto de vida do respondente. Devem, assim, apontar para os assuntos nucleares do problema da pesquisa.” (MACEDO, 2004, p.169). Por ter essas características citadas, acredito que esse instrumento de pesquisa será o melhor escolhido para buscar as possíveis respostas no estudo do objeto pesquisado.

A pesquisa foi realizada na Escola José Ramos da Silva situada no loteamento Vista Alegre, anexo da Escola Carlos de Freitas Mota que fica situada no bairro Novo Horizonte. O local escolhido é por conta da minha história de vida enquanto Educadora de creche que busca contribuir para a qualidade da Educação da minha comunidade. A escola atende creche e pré-escola, o funcionamento da creche é integral, e atende crianças de 01 a 03 anos, a Pré-escola atende crianças de 4 e 5 anos. Essa escola possui dois banheiros, um depósito de merenda e uma cozinha, não tem área de recreação e a sua estrutura física não é adequada para atender a demanda da educação infantil. O quadro de funcionário é: uma diretora que atende também a Escola Carlos de Freitas Mota, uma vice-diretora, três educadoras de creche, três educadoras auxiliares de creche, duas professoras de pré-escolar, duas professoras auxiliar de pré-escola, três merendeiras, três serventes e um vigilante.

A pesquisa foi com professoras da educação infantil, e irão atuar como sujeitos da pesquisa. As mesmas estiveram disponíveis para responder as seis pesquisas do questionário, suas identidades não serão reveladas, serão nomeadas

por números. O questionário foi entregue pessoalmente, foram receptivas para recebê-lo, porém percebi falta de comprometimento no prazo de entrega. O presente questionário foi elaborado com as seguintes questões:

- 1- O que você entende sobre sexo/ sexualização?
- 2- Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?
- 3- Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula?
Relate um exemplo.
- 4- Como você agiu nesse momento?
- 5- Como você entende o processo de intervenção nesses casos?
- 6- Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados foi feito o questionário para obter o conhecimento com relação a compreensão das professoras no tocante a sexualização infantil.

Primeiramente trago informações sobre dados pessoais e profissionais das professoras entrevistadas e, por conseguinte a sua posição com relação às perguntas do questionário de pesquisa.

Professora 1: Pedagoga, 31 anos, tempo de educação 09 anos, e de educação infantil, 05 anos.

Professora 2: Está com o curso de Pedagogia em andamento 6º semestre. 43 anos. Tempo de Educação 20 anos e na educação infantil, 15 anos.

Professora 3: Pedagoga, 37 anos, tempo de educação 20 anos e na educação infantil 12 anos.

Professora 4: Pedagoga, 37 anos, tempo de educação 9 anos, tempo na educação infantil 5 anos.

Professora 5: formação em licenciatura em pedagogia, idade 46 anos, tempo de educação: 11 anos ,tempo de atuação na educação infantil: 6 anos

Sobre a pesquisa:

1) O que você entende sobre sexo/sexualização?

Professora 1: “Sexo seria o ato praticado por duas pessoas no intuito de obter prazer, mas que através dele pode acontecer a reprodução. Quanto a sexualização seria a descoberta do corpo, das zonas de prazer, do toque. Enfim, tudo que esteja ligada ao sexo que vai desde o comportamento sexual entre meninos e meninas até mesmo ao cuidado em “proteger” o corpo feminino.”

Professora 2: “Sexo forma em que se reconhece masculino e feminino e ou ação sexual entre dois indivíduos. Sexualização quando a criança pula a fase em que se encontra e veste-se do personagem adulto, causando influências negativas para seu funcionamento cognitivo, físico, mental e sexual.”

Professora 3: “Entendo que se trata do tema relacionado á percepção das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descobertas das carícias, curiosidade frente a necessidades e desejos de obtenção de prazer.”

Professora 4: “Acho que é tudo que se relaciona ao prazer com o corpo, descoberta das sensações proporcionadas pelo toque.”

Professora 5: “Um ato praticado em busca de prazer.”

De modo geral, as Professoras não conhecem o conceito de sexo e sexualização; em sua totalidade, a professora 2 compreendeu os conceitos ,e respondeu as perguntas com base na pesquisa realizada por ela na internet , a mesma ao entregar o questionário de pesquisa afirmou que não entendia sobre os conceitos.

A **professora 1** traz um pouco de conhecimento da definição de acordo com a visão de Guimarães, (1995 apud Bonfim 2012) sobre sexo diferenças físicas e características entre homem e mulher para a reprodução mas, acredita também ser o sexo o ato sexual a fonte prazerosa existente entre duas pessoas. Na fala dessa professora percebe-se um pouco da compreensão da definição de sexo, mas, ela associa o sexo mais ao ato praticado entre duas pessoas em busca do prazer sexual e não menciona como sexo as diferentes características físicas existente entre meninos e meninas como sexo trazido por Marta Suplicy (1990).

A **professora 3** menciona as diferenças existente no corpo do outro ,mas não afirma quais diferenças são essas se é referente ao corpo masculino ou feminino. No geral sexo e sexualização estão ligados à busca de prazer por meio do corpo.

A sexualização não é mencionada como o despertar precoce do prazer, percebe-se que todas desconhecem sobre o conceito de sexualização, esse conceito era para todas terem conhecimento da sua definição uma vez que no cotidiano da sala de aula é perceptível a presença dos corpos infantis sexualizados por influencia do mercado consumidor, da TV, mídia, cinema, outdoors e recentemente ao acesso as redes sociais que propagam a erotização dos corpos infantis a da sua sexualidade e em consequência irão manifestar o que vê o que ouve no cotidiano da sala de aula, de acordo com Paterno (2011, p.45), “As influências mercadológicas tendem a erotizar e a provocar comportamentos de sensualidade e de virilidade nas crianças, pois elas tendem a usar roupas e produtos da moda adulta”.

Por conta do bombardeamento midiático de informações que contribui para a sexualização infantil, a escola torna-se o lugar propício para se falar da sexualidade de forma natural para que as crianças compreendam como se dá a sua sexualidade. A LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação) traz que a escola tem que trabalhar o desenvolvimento integral da criança, e falar sobre sexualidade faz parte da integridade do ser humano. E ressalta também que a ação da escola deve ser complementada pela ação da família e da sua comunidade, nesse sentido a união da escola, família e comunidade é imprescindível para a quebra de visões distorcidas em torno da sexualidade da criança disseminadas pelo mercado consumidor e meio de comunicação no geral.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe também a formação integral dos sujeitos e estabeleceu temas transversais e dentre eles a “orientação sexual” nesse evidencia-se uma preocupação em torno da cidadania, a ética, a saúde, aos direitos humanos e o respeito individual, coletivo e sociocultural da sexualidade. A formação dos indivíduos visa o respeito às diferenças, a adversidade da expressão da sexualidade, a vivência da sua sexualidade e dos outros.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil traz que a sexualidade faz parte do desenvolvimento psíquico das pessoas, independente da função reprodutora e está é relacionada também com busca pelo prazer, atitude

presente na vida do ser humano. Como a sexualidade faz parte do desenvolvimento dos indivíduos desde o nascimento é fato que o despertar da sexualidade na criança pode acontecer em qualquer etapa de desenvolvimento de forma natural a partir da exploração corporal feita pela criança.

Como sujeitos de direitos a criança tem direito de conhecer a sua sexualidade e a escola não pode negar tal direito que também é garantido na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesse sentido a criança deve ter as suas necessidades supridas e o seu pleno desenvolvimento dentro de uma sociedade que respeite as suas peculiaridades.

Tendo o conhecimento das definições do que é sexo e sexualização, as professoras compreenderão melhor a manifestação da sexualidade da criança que ocorre de forma natural a partir do seu estágio de desenvolvimento e trabalhará a sexualidade conforme o que presume as leis: formação dos indivíduos em sua integralidade e respeitará a criança, sujeitos de direitos que precisa de desenvolvimento pleno no tocante ao sociocultural, psicofísico, político e econômico.

2) Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

Professora 1: “Acredito que seja a fase de descobertas do corpo de se tocar e conhecer o seu próprio corpo. Porém existem alguns manifestações sexuais que assemelham a um ato sexual e isso me parece reprodução do ato sexual adulto.”

Professora 2: “Na sua inocência a criança pode reproduzir algo que foi presenciado por ela.”

Professora 3: “Percebo que crianças já na tenra idade ,tem comportamento sexualizado mesmo que de forma ingênua, faz parte do processo de conhecimento de seu corpo. Não vejo a relação do sexo em si, somente a sensação do sentir prazer.”

Professora 4: “Eu entendo que não há malícia. É um momento de descoberta e curiosidade. A criança concentra seu prazer na região bucal. E a hora da mamada é um momento de alimentação e prazer.”

Professora 5: “A descoberta do corpo e também pode ser a reprodução do que veem em casa.”

Na fala das **professoras 1 e 4** trazem Freud ao citar uma das fases do desenvolvimento sexualidade infantil, importante compreensão para sabermos diferenciar a sexualidade infantil da sexualização. Os estudos de Freud são de suma importância para o reconhecimento da origem da sexualidade das crianças. No âmbito educacional esse estudo é imprescindível para a quebra de manifestações preconceituosas presentes nas práticas pedagógicas das instituições de ensino referente; à sexualidade das crianças. “A sexualidade não pode ser tratada apenas como sexo; ela é a totalidade de nossos sentimentos, interações, dos relacionamentos que estabelecemos durante nossa vida desde que somos gerados [...]” (BONFIM, 2012, p.72). Segundo Nunes e Silva (2006) a sexualidade infantil acontece de forma natural por meio da curiosidade da descoberta do próprio corpo por meio da manipulação dos órgãos genitais, de forma não intencional.

Percebe-se que as “**professoras 1, 2, 3 e 5**” têm observado na sua sala de aula, crianças com a sexualização precoce, crianças que não vive a sua fase infantil e comportam-se com adultos em miniatura, crianças que tem perdido a sua infância cada vez mais cedo, para inserir-se no mundo do adulto. A vivência da infância como a fase mais imprescindível na vida do indivíduo não são respeitadas, as crianças internalizam visões distorcidas sobre a sua sexualidade ao se inserir no mundo sexual cada vez mais cedo por conta da exposição exagerada da criança na televisão e outros meios de comunicação que tem o corpo infantil uma ferramenta para a venda de seus produtos; a falta de acompanhamento da mãe, do pai e da família para orientar de forma efetiva contribui para a sexualização precoce das crianças.

Foucault (1988) nos seus estudos a história da sexualidade- a vontade de saber, nos seus estudos ele traz que a sexualização infantil ameaça o futuro de toda a sociedade. Logo a crise da infância contemporânea ou desaparecimento da infância é uma ameaça, esse assunto é discutido nos dias atuais por alguns autores e autoras como: Postman (1999), Steinberg(2001), Corazza(2002) e Bujes(2003.) A pureza e a ingenuidade da imagem das crianças são representadas através de

imagens totalmente erotizadas e desse modo, “[...]tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade.” (LOURO, 2003, p.56).

O comportamento sexualizado da criança é de fato por conta da sociedade consumidora que contribui cada vez mais para a erotização precoce das crianças, uma vez que desejos sexuais são estimulados e em consequência as crianças iniciam as suas atividades sexuais muito cedo, o sexo e a sexualidade são virtualizadas e mercantilizadas, enfim estamos a caminho de uma sociedade que prega uma sexualidade instintiva, desumana, que não leva em consideração a dimensão ética da sexualidade.

É preciso que nos dias de hoje se discuta a sexualidade, em todas as modalidades de ensino e sem distinção de idades, pois o mundo que vivemos não faz. A sexualidade deve ser discutida em diálogo aberto, uma vez que a criança precisa aprender que a sexualidade é natural em todo indivíduo e que ela é muito mais que o contato físico, a sexualidade em sua dimensão envolve relações afetivas, respeito por si e pelo outro.

Portanto, a escola e a família são imprescindíveis para a quebra de paradigmas que se construiu sobre uma sexualidade que sexualizou os corpos das crianças no mundo contemporâneo. É preciso que ambas as instituições estejam unidas para contribuir para formação dos valores da ética, estética da sexualidade.

3) Você tem experiência com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Professora1: “Sim, tem uma criança, um menino melhor dizendo que reproduzem alguns gestos com inferências sexuais em suas colegas. Ele deita em uma das colegas e faz os gestos”.

Professora 2: “Sim. As crianças se vestem e se comportam de forma adulta além das vestimentas, usam maquiagem, dialogo adulto, por vezes também retratam cenas assistidas na TV ou em seu cotidiano.”

Professora 3: “Sim. Beijo em várias partes do corpo, toque no órgão sexual, carícias, etc. Ex: Beijo na boca.”

Professora 4: “Não tenho nenhuma até o momento”.

Professora 5: “Durante a aula foi observado que a criança estava mexendo no próprios órgãos genitais.”

As Professoras **1, 2,3,5** tem experiências com cenas de sexualização infantil no cotidiano da sua sala de aula.

A **professora 1**, afirma que os gestos e posições de uma criança da sua turma são reproduzidas e tem teor sexual e simula os gestos sexuais em uma das colegas de classe. Logo, percebe-se que esta criança não está vivendo a fase natural da sexualidade infantil relatada por Freud na abordagem psicosssexual que relata sexualidade natural manifestada pela criança pela curiosidade sem maldade ,saudável e não intencional ao prazer sexual, as manifestações se dá a partir da exploração do seu corpo sem estimulação. Segundo Nunes e Silva (2006) as manifestações da sexualidade infantil acontece antes do nascimento, não são aprendidas são espontânea por ser, o ser humano um ser sexuado, e é do biológico o estímulo da criança e difere da do adulto que precisa de motivações. A cena relatada por essa professora retrata uma criança que não está vivendo a sua sexualidade, ela está sendo sexualizada uma vez que reproduz o que vê na rua, em casa quando a mãe ou o pai, padrasto, e dentre outros que fazem parte do vínculo familiar por descuido mantém relação sexual na presença da criança; ou na TV em contato com filmes pornográficos a criança acaba visualizado e transmite a sua vivencia na sala de aula.

A **professora 2** visualizou na sua turma cenas de sexualização a partir da pesquisa na internet segundo o relato da mesma ao entregar o questionário. Na turma dessa professora as crianças são sexualizadas uma vez que, se vestem, se comportam como adultos. E por vezes o contato com programas de TV que não é permitido para a sua idade é responsável para a sexualização precoce. Discussão esta já mencionada na análise anterior sobre o poder da mídia e dos meios de comunicação para a contribuição da sexualização infantil.

As “**professoras 3 e 5**” trouxeram em sua experiência cenas de sexualização na sua sala, porém não está explicito na sua fala cenas que de fato revelam sexualização. Uma vez que o beijo na boca pode ser a descoberta natural

da sexualidade, porque segundo Bonfim (2012) é a boca a primeira parte do corpo que a criança sente prazer. A exploração do próprio corpo e nas regiões genitais segundo Nunes e Silva (2006) pode acontecer de forma natural é a descoberta das sensações do prazer. Bonfim (2012) afirma que o reconhecimento do próprio corpo pela criança é de fundamental importância para o desenvolvimento e construção de sua efetividade, subjetividade e identidade.

Assim sendo é de fundamental importância que as professoras de fato compreendam na ação da criança o que são cenas de sexualização e o despertar sexual natural da criança, para evitar que a sexualidade infantil seja reprimida, uma vez que vivencia da sexualidade é inerente ao ser humano.

A “**professora 4**” não consegue visualizar cenas no seu cotidiano sobre a sexualização das crianças. Essa não observância é natural uma vez que o termo sexualização é desconhecido por muitos educadores(as), uma vez que nas formações a temática da sexualidade infantil não é discutida entre as educadoras. Na minha prática, não enxergava a sexualização precoce das crianças, acreditava ser sexualidade, com os estudos de teóricos que discutem o tema, foi possível elucidar e abrir novos horizontes e proporcionar-me, a buscar mais entendimento sobre a sexualização infantil.

Enfim, para diferenciar cenas da sexualidade e sexualização infantil é necessário que as educadoras da educação infantil compreendam de acordo o conceito de cada um. Uma vez que só compreendendo e tendo o conhecimento de cada termo é possível ensinar e intervir corretamente na prática pedagógica sem reprimir as crianças durante as manifestações da sexualidade.

4) Como você agiu nesse momento?

Professora 1: “Ele é um menino de mais ou menos 1 ano e 06 meses que não compreende ainda a linguagem falada, no momento a única atitude que eu tomei foi retirá-lo de cima da colega e falar pra ele que não podia fazer aquilo e continuo observando o comportamento dele.”

Professora 2: “Nesse momento chamo a criança para conversar e mostro para ela como uma criança deve se comportar.”

Professora 3 : “Com uma conversa ,não brigando ,expliquei o básico de acordo com a linguagem que a criança pudesse entender.”

Professora 4: Não respondeu.

Professora 5: “A criança foi informada que não pode e direcionada a continuar a atividade pedagógica.”

Nessa questão só a “**professora 4**” não respondeu pois na sua visão não há cenas de sexualização na sua turma. As demais professoras afirmaram que dialogam com a criança e ensinam que tal atitude não é permitida para a sua fase de desenvolvimento. E não há segundo a fala das professoras uma explicação por parte delas para as crianças no motivo da sua intervenção. Na ação da **professora 3** percebe-se que a mesma se preocupa em intervir de forma que a criança compreenda a sua ação utilizando um vocabulário mais acessível para a sua idade.

Nas falas das professoras está explícito que as suas ações frente à sexualização das crianças ocorrem com certa resistência de falar da sexualidade. Elas preferem dizer que não é permitido da maneira que acontece, mas não afirmam ter em suas práticas ação que trate da sexualidade infantil. Se a turma apresentou quadro de sexualização, o trabalho voltado para a sexualidade é imprescindível uma vez que suprirá a necessidade da turma.

Nesse sentido é de suma importância a educação das crianças para a vivência plena da sua sexualidade. Quando a sexualidade infantil não é abordada segundo a necessidade da turma estamos formando crianças ansiosas pela busca do saber, e é perceptível às várias perguntas realizadas pelas crianças no cotidiano da sala de aula sobre a sua sexualidade.

Assim sendo, novas ações sobre a sexualidade humana é de fundamental importância serem abordadas pelas professoras, uma vez que proporcione ações e escolhas que visem a emancipação voltadas para os valores éticos da sexualidade em meio ao mundo contemporâneo que não respeita os corpos infantis.“[...] as crianças serão aquilo que puderem ser á medida que a ação de pais e educadores

buscarem proporcionar possibilidades de escolhas emancipatórias e informações [...]” (NUNES E SILVA, 2006, p.117).

5) Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

Professora 1: “É um assunto delicado, pois, crianças pequenas se comunicam mais com os gestos corporais, do que com a fala, mas é importante a intervenção das professoras contanto que ela consiga discernir a cena visualizada para não ficar o tempo todo pensando que está vendo um ato de inferência sexual.”

Professora 2: “A peça chave chama-se “família”.É preciso educar os pais, para que eles colaborem com o professor no processo de aprendizagem dos seus filhos.”

Professora 3: “Penso que tratar sobre o assunto com naturalidade, já é um bom começo. A intervenção é necessária para evitar conflitos entre pais e escola. Cautela é a palavra de ordem, a verdade sempre é a palavra necessária.”

Professora 4: “Muito importante. Pena que os professores não tem a oportunidade de participar de cursos que os orientem como agir nessas situações.”

Professora 5: “A intervenção deve ser realizada com a participação da família, informando a coordenação da escola para que possa faz o contato com a família.”

De modo geral, as educadoras ressaltam ser o tema da sexualização um tema complexo de ser tratado, mas é preciso a intervenção das professoras na prática pedagógica.

A“**professora 1**”afirma que por ser a sexualização um tema delicado é preciso que na sala de aula o professor(a) tenha um olhar cauteloso para os fatos que acontece não seja visualizado como prática sexual do adulto transmitidos nos comportamentos da criança no momento da manifestação da sua sexualidade.

Para ter discernimento da manifestação natural da sexualidade ou da sexualização é necessário que as professoras compreendam as fases de desenvolvimento psicosssexual desenvolvida por Freud que explica o desenvolvimento sexual infantil.

A sexualidade da criança acontece naturalmente de forma saudável por meio da curiosidade que não pode ser estimulada e jamais negligenciada.

A “**professora 4**” ressalta a importância da intervenção do Professor(a) no momento da manifestação da sexualização infantil. Porém, afirma que o professor não está recebendo orientação para agir nos momentos necessários. Sabe-se que o tema da sexualidade e sexualização são temas delicados e pouco abordados. Os educadores que deixam de abordar e discutir a sexualidade infantil na prática pedagógica em sala de aula e que não busca o conhecimento para a sua formação profissional para aquisição de habilidade para trabalhar esse tema tão delicado, é omissos e irresponsável, uma vez que não está cumprindo o que a LDB (Lei de Diretrizes da Educação) obriga: trabalhar a educação integral da criança. Mesmo sem uma formação ou orientação específica direcionada nas formações de professores é preciso que os professores expressem as suas inquietações da sua prática para que o sistema escolar busque a formação e orientação dos professores para atuar na sua sala de aula e supere os desafios da sua sala de aula. “Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do ser humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo de educação”. (NUNES E SILVA, 2006.p.124).

As “professoras 2,3 e 5” ressalta a importância da parceria da família com a escola para a intervenção pedagógica em sala de aula. A LDB no artigo 29 traz que para o desenvolvimento integral da criança a participação da família é necessária e a sexualidade faz parte da vida da criança.

As atitudes da família e das educadoras frente a manifestação da sexualidade/Sexualização são imprescindíveis uma vez que a ação de uma complementa a outra, e para tal ambas devem estar sempre em processo de diálogo. A intervenção da sexualização tratada com naturalidade como disse a professora entre Família e escola para evitar conflitos são imprescindíveis uma vez que escola e família devem andar juntas.

É de fundamental importância que a família tenha conhecimento da manifestação da sexualização dos seus filhos para evitar que danos maiores ocasionem na vida das crianças. Uma vez que a sexualização infantil pode trazer problemas ao desenvolvimento saudável da criança e Foucault (1988) nos seus estudos sobre a sexualidade já discutia o risco da sexualização da criança para o futuro da humanidade.

Assim sendo, novas atitudes da família e dos Educadores frente às manifestações da sexualidade das crianças é necessário mudar, uma vez que a família e os educadores são responsáveis sociais de “gerar, preparar, enquadrar e habilitar as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica do grupo social a que pertencem.” (Nunes e Silva 2006, p.113.).

6)Exemplifique de que forma o sistema(escola, a capacitação)lhe capacitaria para essa intervenção.

Professora 1:“Confesso que nós educadoras infantis não temos formação suficiente para lidar de forma coerente ,das manifestações sexuais que ocorrem no nosso contexto escolar, acredito que para nos auxiliar nesse processo de intervenção precisaríamos de orientação dos profissionais que trabalham e possuem formação voltada para essas questões pois quando converso com as minhas colegas educadoras percebe nas nossas falas que a nossa formação nos deixou essa lacuna e o assunto sexo/sexualização é desconfortável para nós, pois não sabemos intervir nesses casos.”

Professora 2: “Exemplos-Cursos de reciclagem onde os professores se capacitem para saber lidar com as várias situações que surgem no cotidiano. O envolvimento maior dos pais na vida escolar dos filhos.”

Professora 3: “Com mais cursos ,palestras e fóruns sobre o assunto .Quanto mais conhecimento ,melhor estratégia de ação.”

Professora 4: “ Não tenho nenhuma capacitação por parte da escola.”

Professora 5: “O sistema possibilitar cursos de formação, palestras, grupo de estudos entre outros.”

No geral as professoras ressaltam que lhes faltam formação para as intervenções na sala de aula para os desafios no tocante a sexualização das crianças, deveria ser realizada por meio de formação, cursos, palestras, fóruns e grupo de estudo que trate especificamente do tema sobre sexualização.

Percebe-se na fala da “**professora 1**” a sua insatisfação em não receber formação para saber intervir na sua sala de aula. A não formação sobre sexo e sexualização deixou lacunas na sua formação enquanto professora da educação infantil. E por ser o tema sexo e sexualização um assunto que não traz conforto ao ser discutido dificulta a sua intervenção em sala de aula.

Para a intervenção pedagógica no tocante a sexualidade das crianças Nunes e Silva (2006) afirmam que é de suma importância tratar o tema transversal “Orientação Sexual” partindo de uma prática pedagógica emancipatória sem reprimir as curiosidades das crianças. Orientação Sexual com tema transversal busca a reflexão da sexualidade com intervenção ética nos nossos dias. “Além de ser necessário resgatar a sexualidade humana positiva, integral, afetiva e plena é preciso que o educador possa fazer a crítica dos papéis tradicionais [...]” (Nunes e Silva, 2006, p.106). A abordagem da sexualidade na escola se faz necessário se ter limites e possibilidades para não se tratar de maneira formativa e didática. A intenção da intervenção para o trabalho com a sexualidade é uma prática pedagógica da sexualidade na dimensão humana que busque o respeito ético entre o ser humano.

A dimensão de emancipação sexual significa desenvolver na prática pedagógica a sexualidade em um ambiente favorável onde os sujeitos de direitos podem com liberdade expressar com seus corpos a manifestação natural da sua sexualidade.

Enfim, colocações das professoras são pertinentes uma vez que compreendem a importância da formação para saber intervir na sua prática pedagógica com o assunto tão delicado: sexualização infantil. De acordo com Nunes e Silva (2006) as intervenções em sala de aula em educação sexual devem levar em conta o contexto social, cultural das crianças, a sexualidade da criança deve ser tratada naturalmente de acordo com as necessidades apresentadas na turma. É imprescindível que os educadores recebam formação e capacitação necessária por intermédio da escola para que as mesmas estejam cientes do seu papel para educação sexual emancipatória partindo dos princípios éticos da sexualidade. Quebrando com paradigmas e concepções preconceituosas, que no mundo atual vem contribuindo para o processo de sexualização dos corpos infantis que desrespeita totalmente o desenvolvimento natural da sexualidade das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das leituras realizadas e análises feita a partir dos dados obtidos, considero que é possível tecer algumas considerações sobre esta pesquisa que trouxe como objetivo entender de que forma a sexualização infantil deve ser trabalhada no grupo 2.

Sabe-se que ao longo dos séculos a concepção de infância e da sexualidade foi sofrendo modificações de acordo a sua época e a fatores diversos influenciados pelos contextos culturais, econômicos, políticos e religiosos.

Percebe-se que a cada cultura e época a sexualidade foi tratada de formas diferentes e nos dias atuais quando nos deparamos com a manifestação da sexualidade da criança no âmbito escolar nos assustamos, e percebemos que não estamos preparados para lidar com a sexualidade natural da criança e muito menos para intervir nos casos de sexualização infantil que segundo estudos desenvolvidos por Foucault (1988) traz riscos a saúde da criança, a sexualização da criança é destaque nos dias atuais, vendo crianças entrando cada vez mais cedo no mundo sexual do adulto, por intermédio dos diversos mecanismos de consumo disponíveis ao adulto e disponibilizado ao público infantil.

Este trabalho tem como base os principais autores Nunes e Silva (2006), e Bonfim (2012); utilizamos esses autores para trazer maior compreensão do assunto, uma vez que norteiam o trabalho de como se deve ser discutido e trabalhado a sexualidade infantil em sala de aula. Acreditamos que é necessário um trabalho diferenciado voltado para a sexualidade da criança nos dias atuais por conta da precocidade sexual infantil. As crianças devem ser orientadas sobre a sua sexualidade natural a partir do momento que surgir o interesse, pois não se deve estimular a sexualidade e jamais negligenciar. Para desenvolver um trabalho orientador as professoras devem está preparadas para intervir corretamente na sala de aula.

Ficou evidente na análise dos dados que as educadoras não compreendem em sua dimensão os conceitos sexo e sexualização, essa falta de conhecimento implica na sua prática na medida em que não sabem como intervir diante das cenas de sexualização das crianças. Tendo o conhecimento desses conceitos as

professoras atuarão significativamente, pois saberá discernir comportamentos de sexualização da manifestação natural da sexualidade.

A união entre escola e a família é ressaltada pelas professoras, de suma importância para a quebra de paradigmas que se construiu sobre uma sexualidade que sexualizou o mundo infantil nos dias atuais. A formação continuada que aborde o tema sexualização é apontada como principal elemento de intervenção na ação pedagógica.

Assim sendo, o professor (a) da educação infantil tem um papel muito importante para a quebra de paradigmas que se instalou e deturpou a concepção natural da sexualidade humana. Acredita-se que o professor (a) é o ator transformador na estrutura social é para tal o mesmo (a) devem está capacitado (a) para atuar na sua sala de aula, a partir do momento que se buscou embasamento teórico para melhor intervir de maneira que não reprima a sexualidade natural das crianças e ensine às crianças a sexualidade voltada à dimensão ontológica e os valores éticos.

REFERENCIAS

ARÌES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB nacional [recurso eletrônico]: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. Ed. - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, CNE/CEB.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 2

CHARLOT, Bernard. **A ideia de infância** In. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez. 2013, (p. 157 a 209).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. In:NECKEL, JaneFelipe, GOELLER,Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. In: Petrópolis RJ, voses, 2003.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**/Menga Ludke, Marli E.D.A. André.- São Paulo:EPU,1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed- Salvador: EDUFBA, 2004.

NUNES, SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP, 2006.

NUNES, César A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas/SP: Papirus, 1987.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**/ Zima de Moraes Ramos de Oliveira. _7. ed. São Paulo:Cortez,2011._(Coleção Docência em Formação).

OLIVEIRA, Maria Marly de. **(Como fazer pesquisa qualitativa)** / Maria Marly de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PATERNO, K.A.V. **A Invasão da Erotização do Adulto no Mundo Infantil: micropoderes na vida pública e privada.** PG 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa. Dra. Verônica Regina Müller. Maringá, 2011.

PEREIRA, Verônica Aparecida. In: Morgana de Fátima Agostini Martins (org.) **Sexualidade infantil e orientação sexual na Escola.** In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini(org.). – Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância: Correntes e Confluências.** In: Estudos da infância: educação e práticas/ Manuel Sarmento, Maria Cristina Soares de Gouveia (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes 2008. Coleção Ciências Sociais da Educação. (p. 17 a 33).

SILVA, Vanilza Jordão. **Quem Orienta? Quem Educa?** Educação em Pauta. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer-SECULT. Salvador: dez/2009, ano I, n3, p.9.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Ofício de autorização para realização de pesquisa de campo



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Departamento de Educação II
MEC/SEB



Curso de Especialização em Docência na Educação
Infantil - 3ª Edição

Salvador, 19 de setembro de 2015

Ilma. Sra. Gelcivânia ~~Mota Silva~~
M.D. Secretária Municipal de Educação de Serrinha
NE STA

Senhora Secretária,

A Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil MEC/SEB/UFBA, ~~lato sensu~~, vem solicitar dessa Secretaria a autorização para realização de pesquisa de campo nas instituições de ensino da Rede Municipal, para fins de produção monográfica das cursistas regularmente matriculadas nesse Curso, conforme relação que segue.

QTD.	NOME COMPLETO
1.	TAISE DOS SANTOS FERREIRA
2.	RAQUEL DE SOUZA SANTOS
3.	ANA FLAVIA SILVA PEREIRA
4.	LUCIMARA MORGADO PEREIRA LIMA
5.	SUZETE PATROCINIO DE SOUZA
6.	ALINE SANTANA OLIVEIRA DA SILVA
7.	LUCIVANIA MOTA DE JESUS
8.	MANUELA DOS SANTOS PEREIRA

Atenciosamente,

Recebido em:
28/09/2015
[Assinatura]

[Assinatura]
Lícia Maria Freire Beltrão
Coordenadora Geral

*Autuacao
colado como
dos projetos*
[Assinatura]
Gelcivânia Mota Silva
Secretaria Municipal de Educação
Serrinha-BA
Petr. 197/013

APÊNDICE B – Termos de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

A senhora está sendo informada, enquanto colaboradora do projeto de pesquisa: Sexualização na E. Infantil dos procedimentos para a coleta de dados, ao tempo em que é solicitada sua autorização para realização deste estudo. O projeto, apresentado ao curso de Especialização em Educação Infantil/Plataforma Freire, do Departamento de Educação II da UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora - Maírcia Pedral, propõe analisar possíveis implicações dos aspectos Educativos Na Escola José Ramos da Silva

Identificaremos, a partir das discussões, no ambiente escolar, como as educadoras enfatizam o modo de interagir na Educação Infantil, a fim de estabelecer uma melhor relação afetiva e conseqüentemente uma aprendizagem potencialmente significativa para o educando. Esta pesquisa pretende contribuir na ampliação de pesquisas voltadas para questões referentes à afetividade e aprendizagem da Educação Infantil de grupos sociais mais delimitados. No caso de as envolvidas aceitarem colaborar, irão participar de um questionário (os quais serão registrados por escritos), em torno desse objeto de pesquisa. A participação das educadoras dessa escola será importante para a compreensão de quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização? E são significativas por elas que terão liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que isto os leve a qualquer penalidade. Não há riscos na participação de qualquer indivíduo que consinta em colaborar.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em sigilo todos os dados pessoais confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo. Assim, se está claro para a senhora a finalidade desta pesquisa e concorda com os procedimentos acima explicitados, peço que assine neste documento.

Meus sinceros agradecimentos por sua colaboração,

Taise dos Santos Pereira

Pesquisadora responsável
Telefone para contato: (75) 8163-2125

Eu, Cilimara Lima De Alcântara,
RG 075.1116165, certifico a quem de direito, que estou ciente do
projeto _____ de
pesquisa Sexualização na Educação Infantil
_____, bem como dos procedimentos a serem adotados pela pesquisadora,
ao mesmo tempo em que comunico minha aceitação. Fui informado (a) de que
preencherei um questionário e foi garantido, por parte da pesquisadora que
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a
qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não
relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.

Serrinha, 35 de setembro de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

A senhora está sendo informada, enquanto colaboradora do projeto de pesquisa: Sexualização na E. Infantil dos procedimentos para a coleta de dados, ao tempo em que é solicitada sua autorização para realização deste estudo. O projeto, apresentado ao curso de Especialização em Educação Infantil/Plataforma Freire, do Departamento de Educação II da UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora - Eláudia Pebral, propõe analisar possíveis implicações dos aspectos Educativos Na Escola Yoré Ramos da Silva

Identificaremos, a partir das discussões, no ambiente escolar, como as educadoras enfatizam o modo de interagir na Educação Infantil, a fim de estabelecer uma melhor relação afetiva e conseqüentemente uma aprendizagem potencialmente significativa para o educando. Esta pesquisa pretende contribuir na ampliação de pesquisas voltadas para questões referentes à afetividade e aprendizagem da Educação Infantil de grupos sociais mais delimitados. No caso de as envolvidas aceitarem colaborar, irão participar de um questionário (os quais serão registrados por escritos), em torno desse objeto de pesquisa. A participação das educadoras dessa escola será importante para a compreensão de quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização? E são significativas por elas que terão liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que isto os leve a qualquer penalidade. Não há riscos na participação de qualquer indivíduo que consinta em colaborar.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em sigilo todos os dados pessoais confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo. Assim, se está claro para a senhora a finalidade desta pesquisa e concorda com os procedimentos acima explicitados, peço que assine neste documento.

Meus sinceros agradecimentos por sua colaboração,

Yaise dos Santos Ferreira

Pesquisadora responsável
Telefone para contato: (75) 8163-2125

Eu, Luaci Teixeira da Silva,
RG 0444793879, certifico a quem de direito, que estou ciente do
projeto _____ de
pesquisa Sexualização na educação Infantil
_____, bem como dos procedimentos a serem adotados pela pesquisadora,
ao mesmo tempo em que comunico minha aceitação. Fui informado (a) de que
preencherei um questionário e foi garantido, por parte da pesquisadora que
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a
qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não
relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.

Serrinha, 15 de Setembro de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

A senhora está sendo informada, enquanto colaboradora do projeto de pesquisa: Sexualização na E. Infantil dos procedimentos para a coleta de dados, ao tempo em que é solicitada sua autorização para realização deste estudo. O projeto, apresentado ao curso de Especialização em Educação Infantil/Plataforma Freire, do Departamento de Educação II da UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora - Alaídia Pedral, propõe analisar possíveis implicações dos aspectos Educativos Na Escola

José Ramos da Silva

Identificaremos, a partir das discussões, no ambiente escolar, como as educadoras enfatizam o modo de interagir na Educação Infantil, a fim de estabelecer uma melhor relação afetiva e conseqüentemente uma aprendizagem potencialmente significativa para o educando. Esta pesquisa pretende contribuir na ampliação de pesquisas voltadas para questões referentes à afetividade e aprendizagem da Educação Infantil de grupos sociais mais delimitados. No caso de as envolvidas aceitarem colaborar, irão participar de um questionário (os quais serão registrados por escritos), em torno desse objeto de pesquisa. A participação das educadoras dessa escola será importante para a compreensão de quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização? E são significativas por elas que terão liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que isto os leve a qualquer penalidade. Não há riscos na participação de qualquer indivíduo que consinta em colaborar.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em sigilo todos os dados pessoais confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo. Assim, se está claro para a senhora a finalidade desta pesquisa e concorda com os procedimentos acima explicitados, peço que assine neste documento.

Meus sinceros agradecimentos por sua colaboração,

Taise dos Santos Ferreira

Pesquisadora responsável
Telefone para contato: (75) 8163-2125

Eu, Jussara Oliveira Silva,
RG 4.253.85213, certifico a quem de direito, que estou ciente do
projeto _____ de
pesquisa Sexualização na Educação Infantil
_____, bem como dos procedimentos a serem adotados pela pesquisadora,
ao mesmo tempo em que comunico minha aceitação. Fui informado (a) de que
preencheri um questionário e foi garantido, por parte da pesquisadora que
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a
qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não
relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.

Serrinha, 15 de setembro de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

A senhora está sendo informada, enquanto colaboradora do projeto de pesquisa: Sexualização na E. Infantil, dos procedimentos para a coleta de dados, ao tempo em que é solicitada sua autorização para realização deste estudo. O projeto, apresentado ao curso de Especialização em Educação Infantil/Plataforma Freire, do Departamento de Educação II da UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora - Eláudia Pedral, propõe analisar possíveis implicações dos aspectos educacionais Na Escola José Ramos da Silva

Identificaremos, a partir das discussões, no ambiente escolar, como as educadoras enfatizam o modo de interagir na Educação Infantil, a fim de estabelecer uma melhor relação afetiva e consequentemente uma aprendizagem potencialmente significativa para o educando. Esta pesquisa pretende contribuir na ampliação de pesquisas voltadas para questões referentes à afetividade e aprendizagem da Educação Infantil de grupos sociais mais delimitados. No caso de as envolvidas aceitarem colaborar, irão participar de um questionário (os quais serão registrados por escritos), em torno desse objeto de pesquisa. A participação das educadoras dessa escola será importante para a compreensão de quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização? E são significativas por elas que terão liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que isto os leve a qualquer penalidade. Não há riscos na participação de qualquer indivíduo que consinta em colaborar.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em sigilo todos os dados pessoais confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo. Assim, se está claro para a senhora a finalidade desta pesquisa e concorda com os procedimentos acima explicitados, peço que assine neste documento.

Meus sinceros agradecimentos por sua colaboração,

Taise dos Santos Pereira

Pesquisadora responsável
Telefone para contato: (75) 8163-2125

Eu, Roseli Teixeira de O Santos,
RG 0851681735, certifico a quem de direito, que estou ciente do
projeto _____ de
pesquisa Sexualização na Educação Infantil
_____, bem como dos procedimentos a serem adotados pela pesquisadora,
ao mesmo tempo em que comunico minha aceitação. Fui informado (a) de que
preencherei um questionário e foi garantido, por parte da pesquisadora que
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a
qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não
relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.

Serrinha, 22 de Setembro de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

A senhora está sendo informada, enquanto colaboradora do projeto de pesquisa: Sexualização na Ed. Infantil dos procedimentos para a coleta de dados, ao tempo em que é solicitada sua autorização para realização deste estudo. O projeto, apresentado ao curso de Especialização em Educação Infantil/Plataforma Freire, do Departamento de Educação II da UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora - Elleáudia Pedral, propõe analisar possíveis implicações dos aspectos educativos Na Escola José Ramos da Silva

Identificaremos, a partir das discussões, no ambiente escolar, como as educadoras enfatizam o modo de interagir na Educação Infantil, a fim de estabelecer uma melhor relação afetiva e conseqüentemente uma aprendizagem potencialmente significativa para o educando. Esta pesquisa pretende contribuir na ampliação de pesquisas voltadas para questões referentes à afetividade e aprendizagem da Educação Infantil de grupos sociais mais delimitados. No caso de as envolvidas aceitarem colaborar, irão participar de um questionário (os quais serão registrados por escritos), em torno desse objeto de pesquisa. A participação das educadoras dessa escola será importante para a compreensão de quais intervenções devem ser trabalhadas na prática pedagógica quando detectado quadro de sexualização? E são significativas por elas que terão liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que isto os leve a qualquer penalidade. Não há riscos na participação de qualquer indivíduo que consinta em colaborar.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em sigilo todos os dados pessoais confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo. Assim, se está claro para a senhora a finalidade desta pesquisa e concorda com os procedimentos acima explicitados, peço que assine neste documento.

Meus sinceros agradecimentos por sua colaboração,

Daise dos Santos Ferreira

Pesquisadora responsável
Telefone para contato: (75) 8163-2125

Eu, Suzete Patrôcinio de Souza,
RG 11 23 94 21 37, certifico a quem de direito, que estou ciente do
projeto _____ de
pesquisa Sexualidade na Educação Infantil
_____, bem como dos procedimentos a serem adotados pela pesquisadora,
ao mesmo tempo em que comunico minha aceitação. Fui informado (a) de que
preencherei um questionário e foi garantido, por parte da pesquisadora que
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a
qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não
relacionados à pesquisa serão tratados confidencialmente.

Serrinha, 02 de Outubro de 2015.

APÊNDICE C – Questionário aplicado as professoras



UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

QUESTIONÁRIO 04

NOME Gilcimar S. de Alcântara
FORMAÇÃO Superior (Pedagogia)
IDADE: 37 TEMPO DE EDUCAÇÃO: 9 anos
TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: 5 anos

1- O que você entende sobre sexo/ sexualização?

Acha que é tudo que se relaciona
ao prazer com o corpo, descoberta
das sensações proporcionadas
pelo toque.

2 - Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

Eu entendo que não há malícia.
É um momento de descoberta e
curiosidade. A criança concentra seu
prazer na região bucal. É a hora
da mamada e um momento
de alimentação e prazer.

3 – Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Não tenho nenhuma até o momento.

4 – Como você agiu nesse momento?

— // — // —

5-Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

Muito importante. Para que os proletores não tem a oportunidade de participar de cursos que os auxiliem como agir nessas situações.

6-Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

Não tenho nenhuma capacitação por parte da escola.



UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

QUESTIONÁRIO 02

NOME Ingei Teixeira da Silva
FORMAÇÃO Pedagogia - Licenciatura 6º semestre
IDADE: 43 TEMPO DE EDUCAÇÃO: 20 anos
TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: 15 anos

1- O que você entende sobre sexo/ sexualização? Respostas no anexo.

Sexo forma em que se reconhece masculino e feminino e sua ação sexual entre dois indivíduos. Sexualização quando a criança passa a fase em que se se encontra e veste-se do personagem adulto, causando influências negativas para seu funcionamento cognitivo, físico mental e sexual.

2 - Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

Na sua inocência a criança pode reproduzir algo que foi presenciado por ela.

3 - Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Sim. As crianças se vestem e se comportam de forma adulta além das vestimentas, usam maquiagem, diálogo adulto, por vezes também utilizam cenas assistidos na tv ou em seu cotidiano.

4 - Como você agiu nesse momento?

Nesse momento chamo a criança para conversar e mostro para ela como uma criança deve se comportar.

5-Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

A peça chave chama-se "família" é preciso educar os pais, para que eles colaborem com o professor no processo de aprendizagem dos seus filhos.

6-Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

- Exemplos - Cursos de reciclagem onde os professores se capacitam para saber lidar com as várias situações que surgem no cotidiano.
- O envolvimento maior dos pais na vida escolar dos filhos.



UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

QUESTIONÁRIO

NOME: Jussara Silva

FORMAÇÃO Licenciatura em Pedagogia

IDADE: 46 TEMPO DE EDUCAÇÃO: 11 anos

TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: 8 anos

1- O que você entende sobre sexo/ sexualização?

Um ato praticado em busca de prazer.

2 - Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

A descoberta do corpo e também pode ser a reprodução do que veem em casa.

3 – Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Durante a aula foi observado que a criança estava mexendo no próprio órgão genitais.

4 – Como você agiu nesse momento?

A criança foi informada que não pode e direcionada a continuar a atividade pedagógica.

5-Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

A intervenção deve ser realizada com a participação da família, informando a coordenação da escola para que possa fazer o contato com a família.

6-Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

O sistema possibilitar cursos de formação, palestras, grupo de estudos entre outros.



UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

QUESTIONÁRIO 03

NOME Roseli Teixeira
FORMAÇÃO Pedagogia
IDADE: 37 TEMPO DE EDUCAÇÃO: 20 anos
TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: 12 anos

1- O que você entende sobre sexo/ sexualização?

Entendo que se trata do tema relacionado à percepção das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descobertas das carícias, curiosidade frente a necessidades e desejos de obtenção de prazer.

2 - Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

Percebo que crianças já na tenra idade, tem comportamento sexualizado mesmo que de forma ingênua, faz parte do processo de conhecimento de seu corpo. Não vejo a relação do sexo em si, somente a sensação de sentir prazer.

3 - Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Sim. Beijo em várias partes do corpo, toque no órgão sexual, carícias, etc.

Ex: Beijo na boca

4 - Como você agiu nesse momento?

com uma conversa, não brigando, repliquei o lógico de acordo com a linguagem que a criança pudesse entender.

5-Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

Penso que tratar sobre o assunto com naturalidade, já é um bom começo. A intervenção é necessária para evitar consequências, conflitos entre pais e escola. A cautela é a palavra de ordem, a verdade sempre é a palavra necessária.

6-Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

com mais cursos, palestras e fóruns sobre o assunto, quanto mais conhecimento, melhor estratégia de ação.



UFBA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

QUESTIONÁRIO

01

NOME Suzete Patrocínio de Souza.
FORMAÇÃO Pedagogia
IDADE: 31 anos TEMPO DE EDUCAÇÃO: 09 anos.
TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: 05 anos.

1- O que você entende sobre sexo/ sexualização?

Sexo é o ato praticado por duas pessoas no intuito de obter prazer, mas que através dele acontece a reprodução. Quanto a sexualização é a descoberta do corpo, dos órgãos de procriação, do toque íntimo, tudo que está ligado ao sexo que vai desde o comportamento sexual entre meninas e meninos até mesmo ao cuidado em "proteger" o corpo feminino.

2 - Como você entende o comportamento sexualizado de uma criança de 2 anos?

Entendo que seja a fase de descobertas do corpo de se tocar e conhecer o seu próprio corpo. E tem também alguns meninos que dizem que se tocam e isso se parece reprodução, do ato sexual adulto.

3 - Você tem experiências com cenas de sexualização em sua sala de aula? Relate um exemplo.

Sim, tem uma criança, um menino neto, dizendo que reproduz em alguns colegas com inteligência sexual em sala de aula. Ele dita em cima dos colegas e faz os atos.

4 - Como você agiu nesse momento?

Ele é um menino de mais ou menos 3 anos e 6 meses que não compreende ainda a linguagem falada, no momento a atitude de cima dos colegas e fala pra ele que não podia fazer aquilo e continuo observando o comportamento dele.

5-Como você entende o processo de intervenção nesses casos?

É um assunto delicado, pois crianças pequenas se comunicam mal com os atos corporais de que com a fala mal e importante a intervenção das professoras contanto que ela consigam discernir a cena sexualizada para não ficar ao tempo todo pensando que está vendo um ato de inteligência sexual.

6-Exemplifique de que forma o sistema (escola, a capacitação) lhe capacitaria para essa intervenção.

Conselho que nós educadoras importantes não temos formação suficiente para lidar de forma coerente dos mais altos atos sexuais que ocorrem no nosso contexto escolar, ademais que para nos auxiliarem nesse processo de intervenção precisamos de orientações dos profissionais que trocam com e possuem formação voltada para essas questões, pois quando converso com os outros colegas educadoras percebo nas nossas falas que a nossa formação nos deixou essa lacuna e o assunto sexo/sexualização é desconfortável para nós, pois não sabemos intervir nesses casos.